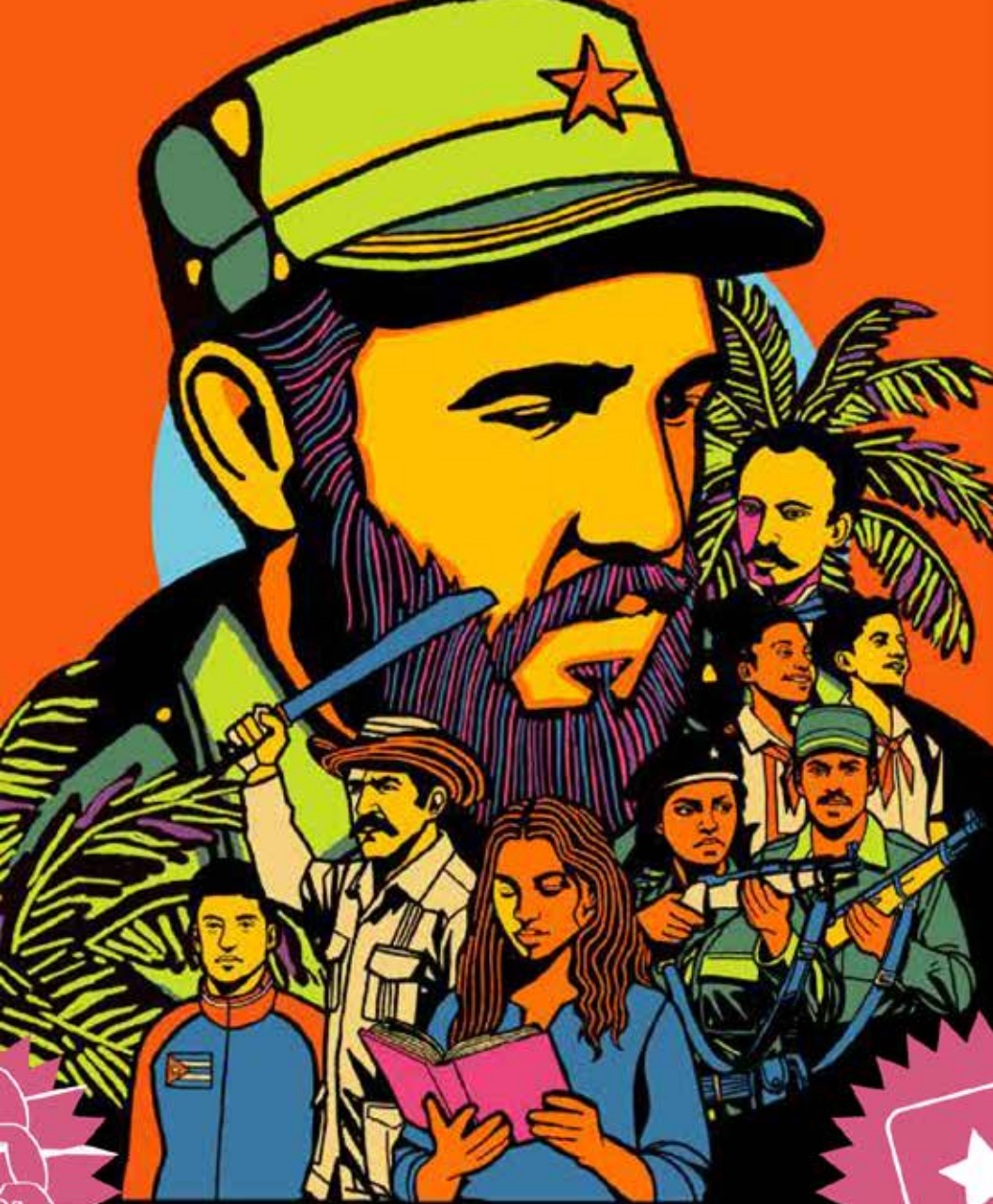




FIDEL CASTRO

**Uma revolução só pode ser
filha da cultura e das ideias**



FIDEL CASTRO

*Uma revolução só pode ser
filha da cultura e das ideias*

Publicación conjunta de las editoriales que forman parte de la Unión Internacional de Editoriales de Izquierda (IULP, en inglés)



Se autoriza la reproducción parcial o total, siempre y cuando sea sin fines de lucro y se cite la fuente

Capa: Kael Abello, Instituto Tricontinental de Investigación Social.

Projeto gráfico: Leftword Books

Diagramação: ZapDesign

Publicação conjunta das editoras que fazem parte da União Internacional de Editoras de Esquerda (IULP, em inglês)

É permitida a reprodução parcial ou total, desde que seja sem fins lucrativos e que a fonte seja citada

Esta publicação é resultado de um trabalho coletivo realizado por muitas pessoas de diferentes países, ligadas à União Internacional de Editoras de Esquerda. Seria impossível mencionar cada pessoa que trabalhou nesta publicação.

Publicado em agosto de 2026 em comemoração ao centenário do comandante-chefe Fidel Castro Ruz

.



1804 Books (USA)
<https://1804books.com/>



Batalla de Ideas (Argentina)
www.batalladeideas.com.ar



Editorial Caminos (Cuba)
www.ecaminos.org



Fondo Editorial de Casa
de las Américas (Cuba)



Combatiente editorial (Perú)
www.gatoviejoediciones.com



Dandara (Brasil)
<https://dandaraeditora.com.br/>



Editorial El colectivo (Argentina)
<https://editorialelcolectivo.com/>



Escuela y editorial Praxis (Perú)



Editorial La Estrella Roja (Venezuela)



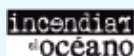
Expressao Popular (Brasil)
www.expressaopopular.com.br



Fractalia (Romenia)
fractalia.ro/



Funilaria (Brasil)
www.editorafunilaria.com.br



Incendiar el oceano (México)



Inkani (South Africa)
inkanibooks.co.za/



International Publishers (USA)
intpubnyc.com/



La trocha (Chile)
latrochaeditorial.com



LeftWord (India)
www.mayday.leftword.com



Marjin Kiri (Indonesia)
www.marjinkiri.com



Manifest (Cataluña)
manifestllibres.cat



Manifesto (England)
manifestopress.studio/

NAKED PUNCH
www.nakedpunch.com

Naked Punch (Pakistan)
nakedpunch.com



Nava Telangana (India)
www.navatelanganaabooks.com



Tanyada (Cataluña)
tanyada.cat/



Editorial Tinta,
Papel y vida (Venezuela)



Instituto Tricontinental de
Pesquisa Social
www.thetricontinental.com



Editorial Trinchera (Venezuela)
https://editorialtrinchera.com



Vadell y hermanos (Venezuela)



Vita books (Kenya)
vitabooks.co.ke



Yordam Kitab (Turkey)

ZALOŽBA
*cf.

Založba /*cf (Slovenia)
www.zalozbacf.si



Zetkin Forum (Germany)
zetkin.forum/

Sumario

Nota editorial	9
<i>Miguel Yoshida</i>	
Educação, cultura e ideias: pilares da Revolução Cubana	13
<i>René González Barrios</i>	

FIDEL CASTRO

Estamos transformando todas as fortalezas em escolas.....	15
Colocamos em marcha a engrenagem da história de nossa pátria	27
Nós não dizemos ao povo: “Acredite!”. Nós dizemos: “Leia!”	41
Agora temos que traçar outras metas, agora temos que traçar outras conquistas.....	71
Não pode haver valor estético sem conteúdo humano	81
Uma revolução só pode ser filha da cultura e das ideias	91

Nota editorial

Em 2026 celebramos o centenário de Fidel Castro Ruz (1926-2016), um dos mais importantes dirigentes revolucionários da América Latina que tivemos em nossa história. Um ser humano que – tal como Vladimir Ilitch Lenin, uma das suas inspirações – dedicou cada minuto de sua vida a pensar e a construir a revolução socialista em seu país e no mundo. O legado de Fidel está vivo e pode ser visto sobretudo no povo cubano e em sua resistência cotidiana à incessante ofensiva imperialista estadunidense.

O triunfo da Revolução Cubana em 1959 foi um dos mais importantes marcos históricos da segunda metade do século XX e influenciou as lutas políticas em todo o mundo a partir de então. Essa vitória demonstrou ao mundo que a possibilidade de derrotar as classes dominantes e o imperialismo era real. Por um lado, os movimentos e partidos de esquerda em diversos países da América Latina se inspiravam nesse exemplo para avançar na luta de classes; por outro, as classes dominantes submissas à lógica imperialista se aliaram aos EUA e organizaram, financiaram e deram golpes de Estado inaugurando ditaduras por todo continente. As lutas de libertação das colônias no continente africano também se inspiraram e contaram com o apoio moral, logístico e militar da revolução cubana. A força do povo da pequena ilha do caribe é temida até hoje, não por acaso a maior potência imperialista segue em incessantes tentativas de derrotar a Revolução Cubana, principalmente por meio de um criminoso bloqueio econômico que se mantém vigente há mais de 60 anos.

Esse processo revolucionário, apesar de ter tido Fidel Castro como figura dirigente central, só foi possível pelas formulações, dedicação e luta de diversos militantes que marchavam ao seu

lado. Não apenas aqueles que estavam desde as primeiras ações políticas do grupo em 1953 – como Abel Santamaría, Haydee Santamaría, Melba Hernandez, Raul Castro –, mas também os outros que se somaram à luta revolucionária nas montanhas e nas cidades – como Ernesto Che Guevara, Célia Sanchez, Camilo Cienfuegos, entre outros. No entanto, esse núcleo dirigente guerrilheiro não teria tido sucesso sem o fundamental apoio dos camponeses, dos trabalhadores das cidades e dos estudantes cubanos.

Uma das principais referências da luta do povo cubano, e de Fidel, é José Martí, intelectual e poeta anti-imperialista que foi central na luta pela Independência cubana em fins do século XIX. Dentre as várias lições de Martí apreendidas e postas em prática pelo revolucionário cubano destaca-se a seguinte: “Trincheiras de ideias valem mais que trincheiras de pedras”.

A preocupação com a educação e a formação política e cultural do povo cubano sempre esteve presente na práxis política de Fidel; a batalha das ideias foi um elemento central em toda a sua trajetória. Dentre as muitas medidas do governo revolucionário, neste sentido, podemos mencionar por exemplo a fundação da Casa de las Americas, em 1959, a criação da Imprensa Nacional, em 1960, e a histórica campanha de alfabetização em 1961 que tornou Cuba, desde então, território livre de analfabetismo. Ainda como parte da política cultural do governo revolucionário, vale destacar a publicação de uma edição de *Don Quijote de la mancha*, em uma tiragem de 100 mil exemplares, como parte da Biblioteca Popular do governo revolucionário, livro que era vendido, à época, por 25 centavos de peso.

Além disso, o formato dos discursos públicos funcionava como um espaço dinâmico de comunicação e formação político-cultural, elaborado e reformulado continuamente pelo contato com os debates da própria população cubana. Suas longas intervenções públicas eram a sistematização de elementos teóricos, históricos e socioeconômicos que partiam das vivências da base para, então, retornar a ela em forma de reflexão conjunta sobre o processo rev-

olucionário e a construção do socialismo. As formulações e reflexões de Fidel em seus discursos eram sempre a síntese de muitos diálogos e debates nos mais diversos fóruns e espaços, desde seminários com especialistas, debates dentro do Partido, diálogos com a população nos Comitês de Defesa da Revolução (CDRs).

Essa metodologia do discurso como síntese de uma formulação coletiva é uma característica que pode ser vista também em outros dirigentes de processos políticos do então chamado Terceiro Mundo, como Amílcar Cabral, Tomás Sankara, Kwane Nkrumah, constituindo-se, assim, em uma forma de elaboração e reflexão teórica-política nos processos de libertação dos povos dos países dependentes. Desse modo, se fortaleciam as trincheiras de ideias, demonstrando na prática o que Fidel sintetizou: “Uma revolução só pode ser filha da cultura e das ideias”.

A União Internacional de Editoras de Esquerda, da qual a Expressão Popular faz parte, ao lado do Centro Fidel Castro, organizou esta publicação com trechos de distintos discursos de Fidel ao longo de sua vida para celebrar o centenário de seu nascimento. As várias editoras que se somam a essa publicação trabalham para manter vivo esse legado fundamental para as lutas dos povos do Sul Global em busca da emancipação e da construção do socialismo. Agradecemos ao Centro Fidel Castro, na figura de seu diretor René Gonzalez Barrios, que selecionou e organizou os discursos presentes neste livro.

Em um contexto em que a ofensiva imperialista estadunidense busca sufocar a economia, o povo e a revolução em Cuba, divulgar as ideias de Fidel e as políticas implementadas pela revolução, por meio desta publicação, é uma forma de solidariedade. Com isso, buscamos fortalecer os laços internacionalistas na construção de uma sociedade sem dominação de classes.

Miguel Yoshida
Junho de 2026

Educação, cultura e ideias: pilares da Revolução Cubana

RENÉ GONZÁLEZ BARRIOS*

Para o líder histórico da Revolução Cubana, comandante-em-chefe Fidel Castro Ruz, a verdadeira liberdade do ser humano estava indissociavelmente ligada à fórmula estratégica e inseparável de educação e cultura. Seguindo o ensinamento de Martí de que “ser culto é a única maneira de ser livre”, Fidel afirmou: “Sem cultura, não há liberdade possível”.

Nessa linha de pensamento e para alcançar a plena emancipação dos cubanos, ele empreendeu, desde a guerra, campanhas de alfabetização para os combatentes rebeldes e os camponeses; com o triunfo da revolução, transformou os quartéis do exército da tirania de Fulgencio Batista em escolas e convocou o povo para a campanha de alfabetização que tornou a ilha o primeiro país neste continente livre do analfabetismo.

A presente seleção reúne trechos de seis discursos nos quais Fidel pondera sobre a importância das ideias como arma de luta e o papel da educação e da cultura em sua consolidação. São os discursos de 28 de janeiro de 1960, em que Fidel explica a trans-

* Nascido em Pinar del Río, no oeste de Cuba, em 1961, é coronel reformado das Forças Armadas Revolucionárias, bacharel em Ciências Jurídicas e membro da Academia de História de Cuba, da União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba e da União Nacional de Historiadores de Cuba. Atualmente, é diretor do Centro Fidel Castro Ruz, em Havana. (N.E.)

formação dos quartéis em escolas; 10 de outubro de 1960, em que defende a importância do conhecimento da história na formação cidadã; 9 de abril de 1961, quando, em meio à ofensiva imperialista que culminou na invasão mercenária de Playa Girón, afirmou: “não dizemos ao povo: Acredite! Dizemos: Leia!”; 22 de dezembro de 1961, quando Cuba foi proclamada território livre do analfabetismo; 30 de abril de 1971, quando exaltou a revolução como uma obra de elevado valor estético; e 3 de fevereiro de 1999, quando, na aula magna da Universidade Central da Venezuela, em Caracas, proclamou: “Uma revolução só pode ser filha da cultura e das ideias”.

A Revolução Cubana demonstrou, em sua já longa existência, que seu valor está no valor das ideias que seu povo defende.

Estamos transformando todas as fortalezas em escolas...*

Caros colegas estudantes,

Hoje, como vocês compreenderão, é um momento muito emocionante para nós. Pena que já seja meio-dia [aplausos] e que o sol do Oriente seja um sol forte e intenso, que pode estar cansando um pouco [gritos do povo: “Não!"].

Ao menos, não perdemos a vontade de falar muito, e os rapazes têm muita disciplina. Vocês sabem marchar? [Gritos: “Sim!.”] Vocês são obedientes? [“Sim!”] Vocês sabem ficar em silêncio quando lhes dizem “fiquem em silêncio”? [“Sim!”] Bem, vamos ver se é verdade. Vamos ver se vocês realmente têm disciplina. Todos – vocês e também os da tribuna, para que vejam que [o tratamento] é igual – fiquem em silêncio, para conversarmos um pouco, vocês e nós. Porque, como contamos com vocês, e porque é preciso contar com vocês, e vocês têm que entender bem essas coisas da revolução, e vocês já sabem se comportar como bons cidadãos, bons patriotas e bons revolucionários, é preciso que falemos dessas questões da revolução.

Por que transformamos esta fortaleza em escola? Por que podemos transformar esta fortaleza em escola? Por que antes construíam fortalezas em vez de escolas, e não podiam transformar as fortalezas em escolas? Vocês sabem por quê? [Aclamações.] Têm certeza? Por que podemos transformar esta fortaleza em escola? [Aclamações.] Quem defendia os governos antigamente? [Acla-

* Discurso proferido na cerimônia de entrega do quartel Moncada, realizada em Santiago de Cuba, em 28 de janeiro de 1960, “Ano da Reforma Agrária”. Em todos os casos, utilizou-se a documentação oficial do Departamento de Transcrições Taquigráficas do Governo Revolucionário. (N.E.)

mações.] O exército; aquele exército. Quem defende hoje a revolução? [Gritos: “O povo!”.] Onde estão as fortalezas da revolução hoje? [Gritos: “No povo!”.] Em todos os lugares.

Vocês estão vendo cada uma dessas montanhas? Cada uma dessas montanhas é uma fortaleza da revolução [aplausos], então este prédio não precisa ser uma fortaleza. Antes precisavam de uma fortaleza para se defender do povo. Agora, quando é o povo que defende a revolução, não precisamos de fortalezas.

Como precisamos de escolas, estamos transformando todas as fortalezas em escolas. Então, onde antes viviam milhares de soldados, com seus fuzis, seus sargentos, seus capitães e seus generais, agora vão trabalhar e estudar milhares de crianças, com seus lápis, seus livros, seus professores e seus superiores. E aqui temos uma vantagem, pois antes gastavam-se muitos milhões na construção de quartéis e fortalezas, e não se gastava dinheiro na construção de escolas – porque o dinheiro era roubado, e o que não era roubado era gasto em coisas muitas vezes inúteis, como quartéis. Então, agora aproveitamos esses milhões que eram gastos em fortalezas e os utilizamos em escolas.

Ainda não são suficientes, nem mesmo convertendo todas as fortalezas em escolas. Não são suficientes, ainda temos que construir muitas outras, mas o governo revolucionário já tem uma vantagem, porque o governo revolucionário não precisa de fortalezas. Temos uma vantagem ao converter todas as grandes fortalezas de Cuba em escolas. Depois, teremos que continuar construindo grandes centros escolares e, além disso, teremos que continuar construindo milhares de escolas no interior, porque não temos escolas suficientes. Agora, ao encher essas fortalezas de crianças, livros e lápis, a revolução está mais forte, e será muito mais difícil, ou melhor, será impossível tomar uma república que transformou suas fortalezas em escolas. Por mais fuzis que tivessem aqui e por mais metralhadoras, e por mais soldados que tivessem aqui dentro, como não tinham razão, como defendiam uma causa injusta, não conseguiram defendê-la e, no fim das contas, as perderam. No fim das contas, o povo tomou as fortalezas.

Eles nunca mais poderão tirar de nós as escolas para transformá-las novamente em fortalezas [aplausos].

Quem foram os primeiros a lutar para transformar as fortalezas em escolas? [Exclamações.] Os *mambises*:* Carlos Manuel de Céspedes, [Ignacio] Agramonte, Máximo Gómez, [Antonio] Maceo. Quem foi um dos que, com seu pensamento...? [Gritos: “Martí!”.] Ah, vocês sabem que foi Martí! Martí foi quem mais se preocupou com as crianças, quem mais se preocupou com a educação e quem mais desejou transformar as fortalezas em escolas.

As fortalezas antes não eram o quartel Moncada; as fortalezas antes eram o Castillo del Morro, era [o forte] El Viso, ou seja, eram fortalezas que tinham vários séculos, e os *mambises*, os patriotas – Martí, todos os líderes da revolução – lutavam para acabar com aquelas fortalezas, que significavam... O que significavam aquelas fortalezas? A opressão. Mas quando a guerra de Independência terminou, em vez de as fortalezas desaparecerem, construíram mais fortalezas, e então surgiram essas que ficavam no meio das cidades, para manter o povo dominado pela força. Para isso serviam essas fortalezas: para que ninguém pudesse protestar contra uma injustiça, para que o povo não pudesse protestar contra o que estava errado. E, quando os estudantes saíam às ruas para realizar um ato patriótico, para protestar contra a corrupção, para protestar contra o roubo, para protestar contra o crime, então os soldados saíam das fortalezas e batiam nos estudantes, ou batiam nos operários, ou batiam nos camponeses.

Vocês já sabem o que acontecia com o camponês: ele levava uma surra de facão, porque todos aqueles soldados, além de fuzis, tinham facões, e quando saíam pelo campo, espancavam os camponeses. Aqui, os filhos dos camponeses não tinham escolas nem professores, mas a todo momento viam membros da guarda rural com seus facões e seus fuzis. E uma criança não tinha oportuni-

* Os *mambises* foram os combatentes que participaram da luta pela Independência de Cuba no século XIX. (N.E.)

de de ir à escola, mas tinha, muitas vezes, a oportunidade de, um dia, ver seu pai chegar depois de ter apanhado de facões da guarda rural. Além disso, para que não pudesse protestar, para tirar-lhes a terra, quando tinham terra, havia aqueles soldados, havia os membros da guarda rural. Ou seja, o que queremos que vocês entendam bem é por que antes havia quartéis aqui, por que havia tantos soldados, por que eles tinham um facão e por que eram eles que tinham o facão, e não os camponeses. Os camponeses levavam as surras. Quem tem os facões agora são os camponeses, e quem vai levar surras são os contrarrevolucionários, se vierem aqui querer tirar a terra dos camponeses [aplausos].

É isso que vocês devem saber, porque vocês têm a oportunidade de conhecer muitas coisas que nós não sabíamos, pois, quando éramos crianças, assim como vocês, íamos à escola, mas os governos não nos ensinavam essas coisas. Nós passávamos por aqui e víamos uma grande fortaleza cheia de guaritas e cheia de seteiras, todas voltadas para o povo. Porque todas as seteiras eram voltadas para o povo. Não eram voltadas para o mar, não eram voltadas para o estrangeiro. Não, eram voltadas para o povo. Todas as seteiras estavam contra o povo, para proteger as fortalezas contra o povo. Antes, nós não tínhamos oportunidade de que nos explicassem essas coisas, porque nós víamos muitos abusos, mas ninguém nos dizia que aquilo era um abuso; ou seja, os políticos, os líderes políticos, os homens públicos não falavam sobre isso, não explicavam esses problemas às crianças, e os professores não podiam explicar, porque, se os professores explicassem, eram demitidos, expulsos, maltratados. Os homens públicos não falavam com as crianças, os professores não podiam falar, ninguém podia dizer a verdade, e então as crianças cresciam vendo injustiças, mas não viam as coisas com muita clareza, porque ninguém lhes explicava direito. Vocês têm a oportunidade que nós não tivemos. Por isso, estamos tentando dar às crianças tudo aquilo que não tivemos quando éramos como vocês.

E, apesar de tudo, pudemos conhecer muitas coisas boas, pudemos conhecer muitos bons exemplos, pudemos conhecer o pen-

samento de Martí, porque Martí, no início, quando ele começou, tinha muitos inimigos. Hoje todos reconhecem o que Martí fez, todos reconhecem seu pensamento, todos reconhecem sua obra, mas no início o que fizeram foi prendê-lo, persegui-lo, exilá-lo, e muitos o atacavam, o caluniavam, o insultavam, e o povo e muitos cubanos não sabiam quem era Martí, não conheciam todo o seu belo pensamento, não conheciam seus discursos.

Hoje, por fim, depois de muitos anos, todos os cubanos conhecem Martí. Mesmo os políticos hipócritas já não falavam mal de Martí: eles subiam a uma tribuna e invocavam o nome de Martí, invocavam o pensamento de Martí, os descarados, enquanto, por um lado, roubavam e enriqueciam, e faziam exatamente o contrário do que Martí dizia, por outro lado, falavam de Martí e invocavam o pensamento de Martí.

E assim, pouco a pouco, por meio de livros, por meio dos professores que podiam falar de Martí e do passado, embora não conseguissem explicar bem as coisas do presente, todo o povo foi conhecendo o pensamento de Martí, e por isso foi se forjando um espírito patriótico que tornou possível, finalmente, a vitória da revolução. É por isso que temos tanto interesse nas crianças e nas escolas, porque queremos construir um futuro ainda melhor do que este. Porque atualmente há centenas de milhares de pessoas mais velhas que não sabem ler e escrever, há centenas de milhares de pessoas mais velhas que não puderam receber educação, e queremos que, no futuro, todos saibam ler e escrever; queremos que, no futuro, nem uma única criança deixe de aprender a ler ou a escrever; queremos também que as crianças aprendam a trabalhar e adquiram conhecimentos que sejam úteis à sua pátria, aos seus pais e a elas mesmas.

Além disso, queremos que as crianças tenham uma vida feliz. Não queremos apenas que estudem, mas também que brinquem. Não queremos apenas que estejam nas salas de aula, embora estar nas salas de aula seja agradável, porque aprender é sempre agradável – saber o que aconteceu, por exemplo, em Cuba, conhecer

todas as guerras de Independência, conhecer a geografia, os rios, os peixes, as árvores, os animais, as estrelas, as nuvens, conhecer todas as coisas que vemos, isso é muito interessante e muito bonito, e vocês têm a oportunidade de aprender nas salas de aula –, mas também é interessante conhecer as montanhas, os rios, o mar, as cavernas, os vales, as paisagens. Ou seja, vocês têm a oportunidade de passear, têm a oportunidade de se divertir praticando exercícios, que também é se educar. Vocês têm a oportunidade de aprender esportes.

Vocês sabem como nós aprendemos a fazer a guerra? Não pensem que aprendemos a fazer a guerra na Sierra Maestra; aprendemos a fazer a guerra quando éramos crianças, assim como vocês. Sabem como? Querem que eu lhes diga como? Bem, nós aprendemos a fazer a guerra jogando beisebol [aclamações], jogando basquete, jogando futebol, praticando todos os esportes, nadando no mar, nadando nos rios e escalando montanhas. Nós aprendemos a fazer a guerra nessas montanhas, porque também estudávamos aqui em Santiago, e sempre que nos levavam em excursões, bem, sempre subíamos alguma colina.

Então, nós aprendemos a fazer a guerra quando tínhamos a idade de vocês, porque depois foi a mesma coisa, depois era uma questão de quem fazia as coisas melhor, com mais prática, com mais inteligência, porque a gente tinha aprendido, todos nós tínhamos aprendido a fazer a guerra, a vencer o inimigo, quando éramos crianças como vocês.

Portanto, todos vocês devem praticar esportes; nenhuma criança deve ficar sentada na hora do recreio; nenhuma criança deve deixar de aprender a nadar, de aprender a subir colinas. Nós queremos que vocês estudem não só nos livros, queremos que vocês estudem nas montanhas, que estudem nos rios; queremos que os professores também lhes expliquem as coisas, não na sala de aula, que os levem às fortalezas para que lhes expliquem a história, que os levem aos lugares onde, por exemplo, foram travadas as batalhas da guerra da Independência; onde Martí morreu, em Dos Ríos, por exemplo,

onde há uma estátua, que é um lugar muito venerado por todos os cubanos, que é um lugar muito bonito e onde, além disso, já temos uma cooperativa de algodão, milho e outros produtos agrícolas, para que vocês passem a saber de todas essas coisas.

Porque vocês já ouviram falar das cooperativas, não é? [Gritos: “Sim!”.] Bem, vocês devem pedir aos professores que os levem para conhecer as cooperativas, para que lhes expliquem o que são as cooperativas. Vocês devem pedir aos professores que os levem aos museus. Nos museus estão as cartas de Martí, de Maceo, as barracas de campanha, as armas que usavam, há muitas coisas interessantes, e vocês podem aprender todas essas questões de história também. E quando houver um filme, por exemplo, de história, digam ao professor para levá-los também ao cinema ou para trazer o filme, para que aprendam história. Além disso, os mais velhos, quando houver um livro, um romance, sobre questões históricas, peçam para comprarem esses romances e os livros, os livros que os gregos escreveram, os poemas sobre questões de guerra e sobre questões de história, que são muito interessantes, peçam também aos professores que os emprestem. Quando vocês, os mais velhos, já compreenderem melhor as coisas, porque essa idade de vocês é a melhor idade para estudar, porque nessa idade vocês não esquecem nada, porque se vocês assistirem a um filme vocês chegam em casa e contam para o irmãozinho, para o papai e para todos. Não é verdade que, quando vocês assistem a um filme e quando lhes contam uma história, não é verdade que depois vocês a contam, porque se lembram? E todos vocês não gostam de histórias? Bem, as histórias que nos contam são curtas, e nós queremos que nos contem de novo, porque não ficamos satisfeitos com histórias muito curtas, e há histórias que são longas e muito interessantes, e estão nos livros; e quando vocês, por exemplo, tiverem um tempinho em casa e não quiserem fazer muito barulho, nem incomodar os pais que estão descansando, vocês podem encontrar livros muito bonitos com histórias longas e interessantes, que vocês gostam, e assim podem se divertir por muitas horas e, ao mesmo tempo, aprender.

Pelo que sei, o ministro da Educação é um companheiro jovem, apenas um pouco mais velho do que os alunos [de Ensino Médio]. É motivo de orgulho para a revolução [ter] um dos ministros da Educação mais jovens do continente, é provável que seja mais jovem, e isso é bom, porque ele não deve ter esquecido muitas das coisas de que gostava quando era como vocês, nem dos livros de que gostava, e ele está organizando a biblioteca nacional para publicar muitos livros, de modo que as crianças pobres, as crianças que não têm dinheiro para comprar esses livros, possam ter livros baratos, que os livros possam ser disponibilizados nas escolas, para que vocês se divirtam.

Ou seja, alguns de vocês... eu me lembro que, quando era menino, havia alguns colegas – e, aliás, não me excludo totalmente desses colegas – que gostavam de matar aula. Vocês sabem o que é “matar aula”? Ir brincar em vez de ir para a aula. Em vez de brincar no sábado e no domingo, e estudar, porque estudar é muito bom e muito interessante, nós queríamos brincar também às vezes na segunda, na terça e na quarta, e não íamos às aulas. Isso, naturalmente, era muito errado; fazíamos isso porque ainda não compreendíamos bem essas coisas, e é por isso que quero que vocês as compreendam bem. Bem, então o ministro da Educação sabe de tudo o que vocês fazem e faziam, e por isso ele está se esforçando muito para ajudá-los, para fazer livros para vocês, para construir campos de esporte, porque antes, vocês se lembram, tinham uma escolinha bem pequena, que não tinha pátio, e vocês não tinham onde brincar. Agora, nos recreios, vocês podem brincar nos campos esportivos que estamos preparando, e vão ter tudo o que precisam para se divertir também na escola.

Eu lhes dizia que nós, muitas vezes, não tínhamos essas coisas, não tínhamos campos esportivos na escola, e por isso íamos brincar fora da escola nos dias de aula; mas, com tudo o que a revolução está fazendo, vir para a escola é o que há de melhor e de mais agradável. Vocês não acham que é errado matar aula? [Gritos: “Sim!”.] Porque a criança que mata aula não é revolucionária, a

criança que finge estar doente para não ir à escola não é revolucionária; a criança que vem à escola, que estuda, que pratica esportes, que lê livros interessantes, que se comporta bem em casa, que critica o outro quando ele se comporta mal e fala bem daqueles que se comportam bem, essa criança é um bom companheiro e essa criança é um bom revolucionário, e nós queremos que vocês sejam bons revolucionários a partir de agora. E vocês têm que ser melhores revolucionários do que nós. Vocês têm que saber mais do que nós, vocês têm que ser mais fortes do que nós e vocês têm que fazer as coisas melhor do que nós, porque vocês vão ter mais escolas, mais campos de esportes, mais livros, mais professores, e vão aprender mais do que nós pudemos aprender.

Portanto, esperamos que, tudo o que não conseguirmos concluir, vocês concluam, e que as coisas que não nos saíram perfeitas, vocês as concluam melhor. Vocês não querem ser revolucionários? [Gritos: “Sim!”.] Vocês também não querem fazer o mesmo que estamos fazendo? [Gritos: “Sim!”.] Bem, quando vocês forem adultos, não terão que fazer a guerra, porque em Cuba tudo já estará tão sólido e nossa revolução terá avançado tanto que nos deixarão em paz, mas, de qualquer forma, é necessário que as crianças sejam fortes. Por quê? Para defender o que estamos fazendo agora. Possivelmente, mas tomara que nunca, vocês tenham no dia de amanhã que pegar em armas para ter que lutar porque alguma injustiça queira ser cometida contra o nosso povo; mas a melhor maneira de vocês serem respeitados amanhã, de o nosso povo ser respeitado no futuro, é que haja muitos revolucionários, que haja muitos patriotas, que as crianças sejam fortes, educadas, tenham cultura e que as crianças de hoje, no futuro, sejam magníficos soldados se a pátria precisar deles para se defender.

A revolução, porém, não é apenas lutar nas montanhas, não é apenas fazer a guerra. Mais revolucionário do que conquistar esta fortaleza na guerra é transformá-la em uma escola. O primeiro passo era vencer uma batalha, pois não era possível tomar a fortaleza. Mas nós não tomamos a fortaleza em 26 de julho,

nem a tomamos no dia 1º de janeiro... Vocês sabem quando tomamos a fortaleza? [Gritos: “Não!”.] Hoje tomamos a fortaleza, porque hoje a transformamos em um centro de ensino. Hoje sim vencemos esta batalha. E ainda temos que vencer muitas batalhas como esta.

Quero que vocês saibam que as batalhas mais belas não são aquelas travadas nas montanhas. As batalhas mais belas são estas, porque, quando havia aquelas outras batalhas, sempre havia companheiros mortos, sempre havia companheiros feridos, sempre havia cadáveres, sempre havia tristeza, sempre havia luto quando se ganhavam aquelas batalhas. Já nestas batalhas que vencemos hoje, tudo é alegria, todo mundo está contente, não há luto, não há tristeza, não há cadáveres, só há alegria por toda parte. Essas batalhas são realmente bonitas, e nós gostaríamos de sempre vencer essas batalhas, mais do que vencer as outras.

E outra coisa que vou lhes dizer: essas batalhas serão lembradas muito mais do que as outras, porque das outras, com o tempo, fala-se delas, mas elas são esquecidas. Agora, esta batalha, de ter transformado esta fortaleza em uma escola, nunca será esquecida, porque desta escola a cada dia sairão mais crianças, mais cidadãos capacitados que serão alunos desta escola. Mais de 2 mil crianças estudarão nesta escola, que antes era uma fortaleza onde assassinavam, onde torturavam, onde abusavam do povo, e hoje é um centro onde as crianças crescem, onde as crianças brincam, onde as crianças estudam, onde as crianças se preparam para servir à sua pátria e para serem bons cidadãos.

Quero que vocês saibam que ainda há muitas batalhas por vencer, de todos os tipos. Talvez algum dia tenhamos que combater novamente para defender a revolução de seus inimigos. Se tivermos que combater novamente, as crianças podem nos ajudar, as crianças vão nos ajudar, porque todos aqui, desde as crianças até os idosos, serão soldados da revolução e farão algo para defendê-la, para que não lhes tirem as escolas e as transformem em fortalezas [aplausos].

Além disso, temos muitas obras a realizar, temos muitas estradas a construir, muitas barragens, muitos vilarejos, muitas fábricas; temos que arar todos os campos, temos que construir muitas praias, muitos centros turísticos. Ou seja, temos uma grande tarefa a cumprir e não temos homens suficientes com conhecimento para fazer todas essas coisas; por isso, nossa maior esperança não está no que estamos fazendo hoje, mas no que vocês vão fazer amanhã. Temos muito interesse em que vocês estudem para que possam concluir os trabalhos que estamos fazendo hoje. Nós só vamos conseguir fazer uma parte, e vocês têm que fazer a outra parte...

Colocamos em marcha a engrenagem da história de nossa pátria*

Companheiras e companheiros do Congresso dos Conselhos Municipais de Educação,

Vamos falar sobre educação. É significativo que os próprios membros do congresso, reunidos aqui para tratar dos problemas da educação, também estejam preocupados com os problemas da defesa da revolução e da pátria. Isso quer dizer algo: que estamos muito conscientes da necessidade de trabalhar e lutar em todos os campos; de que a cada dia adquirimos mais consciência de que uma revolução não é apenas trabalho criativo, mas que uma revolução, ao mesmo tempo que cria, tem de defender o que cria, e tem de combater ao mesmo tempo que cria.

Nós nos reunimos aqui hoje para uma obra criativa, para cumprir mais um propósito, entre os muitos que nos propusemos; para realizar, talvez, uma das mais belas obras que a revolução tem a missão de realizar, e uma das mais sentidas pelo nosso povo: a missão de ensinar o povo, de educar os cidadãos, de dar a todos e a cada um dos filhos da nossa pátria, sem exceções, a oportunidade de aprender.

E confessamos que, entre as obras da revolução, nenhuma é mais estimulante nem mais bela do que a obra educacional. Pode-se dizer que ela é um pilar indispensável para alcançar o sucesso

* Trechos do discurso proferido na cerimônia de encerramento do primeiro Congresso Nacional dos Conselhos Municipais de Educação, realizada no salão de espetáculos do Palácio dos Trabalhadores, em 10 de outubro de 1960, “Ano da Reforma Agrária”. (N.E.)

em todas as outras coisas que nos propusemos. Por isso, a importância deste congresso e a importância deste dia para a revolução.

Estamos nos propondo a algo muito ambicioso, uma tarefa difícil e que, na verdade, vai pôr à prova a capacidade de todos nós, vai pôr à prova a capacidade do nosso povo, já que estamos nos propondo a fazer em um ano o que outros não puderam ou não quiseram fazer em 58 anos. Ou seja, nos propomos, no ano de 1961, que já definimos como o Ano da Educação, a erradicar o analfabetismo em nosso país.

Quantas vezes já ouvimos falar desse problema? Quantas vezes já se escreveu e se falou sobre esse tema? Praticamente desde que fazemos o uso da razão, cada um de nós ouviu falar do problema do analfabetismo, da falta de escolas, da falta de professores e de que o índice de analfabetos chega a 40%, 38% ou 37%.

Portanto, trata-se de uma espécie de mal de longa data que nos causou muito sofrimento e nos deixou muito desanimados, e para o qual não se havia buscado soluções, nem havíamos conseguido avançar muito. Em primeiro lugar, faltavam 10 mil professores no campo. Sabemos que o número total de professores nas zonas rurais chegava a aproximadamente 5 mil, e faltavam 15 mil. Como seria possível reduzir a proporção de analfabetos, se faltavam professores para dois terços da nossa população infantil camponesa? Além disso, nas escolas existentes, nas 5 mil salas de aula restantes, muitas vezes faltava material escolar e, por vezes, algo ainda mais essencial: faltavam roupas e sapatos para as crianças que deveriam frequentar a escola e que, mesmo a escola sendo próxima, não iam simplesmente porque não tinham roupa para ir à escola.

Essa é uma verdade conhecida por todos nós. Não sei se os inimigos da revolução também querem negá-la. E o certo é que a revolução, no decorrer de um ano, já criou cerca de 10 mil salas de aula que eram necessárias nas áreas rurais, e as que faltam serão criadas neste mesmo trimestre; portanto, já no início do ano de 1961, estarão criadas as 10 mil salas de aula que faltavam para garantir professores a toda a população infantil de Cuba [aplausos].

Por enquanto, para aqueles que ainda sonham e para aqueles a quem o estrangeiro conseguiu incutir a mera sugestão de que nosso país possa retroceder, que fique aqui registrado esse avanço formidável: o aumento de 5 mil para 15 mil salas de aula, em apenas um ano, em nossas zonas rurais [aplausos], e a garantia de professores a toda a população infantil rural de Cuba, o que parecia difícil. E não só isso, mas os professores, hoje, já estão cumprindo uma promessa feita pelo governo há apenas cinco meses nos recantos mais remotos de nossas montanhas [aplausos], lugares onde nunca se sonhou em ter uma escola, pequenos grupos de famílias situados em vales isolados, onde nem mesmo havia vias de comunicação, e que hoje têm ali um professor.

E não era uma tarefa fácil, porque as escolas de formação de professores estavam concentradas nas cidades. Quase todos os professores eram de origem urbana, e não é fácil a adaptação dos que se formaram em nossas escolas, que não conheceram, não tiveram oportunidade de conhecer como é a vida isolada nas montanhas, como é difícil para as pessoas que nunca se separaram de seus familiares, jovens moças, exercer sua profissão em lugares onde faltam as coisas mais elementares a que estamos acostumados.

Ou seja, primeiro era preciso preparar o pessoal para poder enviá-lo às montanhas, e a revolução demonstrou sua capacidade de mobilizar os recursos do povo e reunir o pessoal necessário para atender às necessidades escolares nos locais onde parecia muito difícil resolver o problema. Isso para que se tenha uma ideia de que, sim, é possível que nossa pátria volte ao passado [gritos: “Nunca!”].

Porque, na verdade, podemos afirmar com satisfação que nosso país vem passando por uma transformação muito ampla e profunda, que colocamos em movimento a roda da história de nossa pátria [aplausos], que era difícil colocá-la em movimento, pois exigia muitas peças novas, exigia muitas mudanças estruturais; mas, se é difícil colocar em movimento a roda da história de um país, muito mais difícil é fazer essa roda retroceder! [Aplausos]

prolongados.] Sobretudo quando se trata de uma história como a nossa, que não tem marcha a ré [aplausos], muito ao contrário: tem pedais com os quais se pode acelerar [aplausos], e o governo revolucionário está em condições e com disposição de espírito para acelerar o curso da história do nosso país! [Aplausos.]

Os inimigos da revolução, com o apoio total dos interesses estrangeiros, e esses próprios interesses estrangeiros diretamente, lançaram uma ofensiva contra a revolução. É preciso que todos saibamos perfeitamente o que é um processo revolucionário e, por vezes, já expusemos algumas ideias a esse respeito. É um processo por etapas. Surge a luta revolucionária contra a tirania. Essa luta teve etapas de auge, etapas de declínio; mas cada nova etapa superava a anterior e culminou na vitória esmagadora sobre o aparato militar dos grandes interesses.

No dia 1º de janeiro, o aparato militar da tirania e do imperialismo em nosso país foi esmagado. A revolução vitoriosa tomou o poder e o inimigo, desconcertado, precisou de tempo para se reorganizar, para se recuperar daquela derrota. O inimigo, naturalmente, voltaria ao ataque. Uma revolução é um processo longo, às vezes muito longo, que continua por etapas. A revolução encontra-se agora na etapa em que seus inimigos, reagrupados e reorganizados, voltam à carga contra a revolução. Ou seja, a revolução enfrenta hoje a ofensiva do imperialismo e da reação, que estão na ofensiva.

Todos nós devemos saber como é o processo para compreendê-lo perfeitamente bem. Essa ofensiva prosseguirá, se tornará cada dia mais intensa; voltaremos a passar por etapas de luta, mas virá também uma nova etapa vitoriosa. Ou seja, eles agora testam suas forças, atacam de diferentes ângulos, testam seus recursos, mobilizam todos os meios possíveis. Eles não se deparam, naturalmente, com o movimento revolucionário incipiente dos primeiros meses da luta contra a tirania; não se deparam com um grupo de homens. O inimigo contrarrevolucionário não é, evidentemente, mais fraco do que era a tirania; o inimigo contrarrevolucionário é

mais poderoso do que era a tirania. Por quê? Porque reúne os derrotados pela revolução na etapa da luta contra o aparato militar; reúne os interesses afetados pela revolução, nacionais e estrangeiros; reúne os ressentidos; reúne a pior escória social; reúne todos os viciados, todos os corruptos, todos os imorais, todos os egoístas, todos os sem-vergonha, todos os traidores da pátria [aplausos prolongados]. Reúne todos os assassinos; reúne todos os torturadores; reúne todos os informantes; reúne todos os exploradores; reúne os traidores; e reúne, além disso, acima de tudo – e digo acima de tudo porque, sem isso, a contrarrevolução não seria absolutamente nada – reúne, como dirigentes e como força fundamental, os poderosos interesses do imperialismo ianque [gritos: “Fora!"]. E não só isso: reúne a reação internacional da América Latina. Reúne, contra a Revolução Cubana, assim como contra todas as revoluções justas, a reação colonialista e imperialista de todo o mundo.

Por isso a contrarrevolução é mais poderosa do que era a tirania. Mas a revolução, como dizíamos, já não é o pequeno grupo dos primeiros meses, o movimento incipiente, o punhado de fuzis com que se manteve hasteada por mais de um ano a bandeira da revolução, naqueles dias em que ninguém cogitava se rebelar. Porque era curioso: ninguém cogitava se rebelar; ninguém cogitava empunhar uma arma; todos davam como certo que era impossível lutar contra um exército. E nós, que iniciamos a luta revolucionária, quando no mundo praticamente se acreditava que aquilo era um absurdo, quando certas pessoas não compartilhavam dessas pretensões de guerreiros, e tivemos que nos manter sozinhos, absolutamente sozinhos, um punhado de homens.

Hoje não somos, é evidente, o que éramos naquela época. Hoje, a revolução é muito mais poderosa do que jamais foi. A revolução tem também hoje muito mais armas do que jamais teve [aplausos], muito mais experiência e muito mais organização do que jamais teve. A revolução não reúne um punhado de homens; a revolução reúne o que há de melhor, de mais honesto e de mais patriota em nosso povo [aplausos]. A revolução reúne hoje o que há

de bom em nosso povo, tudo o que há de generoso e honesto em nosso povo, todos os cidadãos desinteressados, todos os homens e mulheres com espírito de luta e de sacrifício, todos os homens e mulheres com ideais, todos os homens e mulheres com consciência revolucionária do nosso povo [aplausos]. E, assim como a contrarrevolução reúne a escória, os bandidos, os covardes, os assassinos, os corruptos, os torturadores, os exploradores, os mercenários, os traidores e os vende-pátria [gritos], a revolução reúne o que há de melhor na pátria e, com o que há de melhor na pátria, se prepara para travar quantas batalhas forem necessárias em cada uma das etapas da revolução [aplausos].

Ou seja, uma contrarrevolução fortalecida pela união de poderosos interesses estrangeiros enfrenta uma revolução fortalecida pela união do povo e pelo apoio solidário de todos os povos do mundo e de todos os governos anti-imperialistas e anticolonialistas do mundo! [Aplausos.]

Essa análise é indispensável para que compreendamos em que termos a batalha da revolução será travada, em que termos as forças cresceram e com quais forças cada lado conta. E assim, a escória se mobiliza. Que escória? A escória de 50 anos de república: os ex-militares da tirania, dezenas de milhares de ex-membros das Forças Armadas da tirania; dezenas de milhares, verdadeiras pragas de políticos que perderam seu ofício com o triunfo da revolução; pragas de malandros, vigaristas, exploradores do jogo, mercadores da pior espécie, aqueles que traficavam... [Da plateia, dizem: “Os padres”] Uma boa parte deles [aplausos]. Ou seja, todos passam a saber de que elementos se compõem as forças revolucionárias e de que elementos se compõem as forças contrarrevolucionárias. Ou seja, aqui cada um conhecerá seu inimigo, e o conhecerá perfeitamente bem, pelas marcas, por muitas características, por sua vida passada, sua profissão anterior e suas ações atuais.

Dizíamos que toda essa praga – de políticos oportunistas, mercadores, especuladores, exploradores, saqueadores do povo – é o material humano com que conta o imperialismo, porque

esta batalha contra a Revolução Cubana não é dirigida, é claro, por elementos nacionais. A batalha contra a Revolução Cubana é dirigida hoje diretamente pelo imperialismo, pelo Departamento de Estado ianque [gritos], pela Agência Central de Inteligência ianque e pelo Pentágono belicista ianque. Além disso, mobilizam todos os recursos econômicos – abundantes, fabulosos recursos econômicos.

Devemos estar cientes de que é isso que temos de enfrentar; devemos saber que o imperialismo conta aqui com toda a escória do passado, que é esse material humano, que esse é o seu instrumento; que utiliza para isso seus abundantes recursos; que utiliza todos os contatos que, durante 50 anos, vinha estabelecendo aqui; que utiliza os homens que formaram em suas universidades, muitas vezes, que moldaram com sua propaganda, que moldaram à sua maneira. O imperialismo – que é experiente em questões contrarrevolucionárias, porque já tratou delas em outros países, porque já aplicou suas táticas em outros países – enfrenta hoje, ou luta hoje contra nossa revolução, mobilizando todos esses recursos e meios de que dispõe. Daí vêm os terroristas, daí vêm os rebeldes, daí vêm os desembarques. No início, ninguém conseguia explicar muito bem que sentido fazia receber ali os “Tigres” de Masferer* [gritos], receber ali os piores assassinos de todos os tipos. E é possível que restem muito poucos que não compreendam o porquê. Eles os receberam lá para isso: para ir formando seu estoque de mercenários, suas reservas de criminosos para empregá-los no momento oportuno. Mas, mesmo que o imperialismo seja experiente em contrarrevoluções, mesmo que o imperialismo tenha feito muitas contrarrevoluções, muitas manobras internacionais, ele está diante de um caso difícil [aplausos]. O imperialismo está diante de um povo difícil, de uma revolução difícil.

* Grupo paramilitar formado em 1956 para proteger a ditadura de Fulgencio Batista. Sua atuação se localizava no Oriente de Cuba, onde ocorreu o desembarque do iate Granma com os revolucionários liderados por Fidel que fariam a guerrilha na Sierra Maestra. (N.T.)

Já estamos aprendendo. A revolução é uma grande professora, uma professora formidável, porque ensina muito. E essa palavra, “revolução”, que para muitos tinha inicialmente um sentido vago e geral, vai se enchendo na mente de todos nós de uma série de ideias e conceitos que nos permitem ir sabendo, de verdade, o que é uma revolução. Uma palavra que já tínhamos ouvido muitas vezes, um acontecimento que já tínhamos lido na história de outros povos, mas que sempre tínhamos visto à distância. Não era possível compreendê-lo como pode compreendê-lo um povo que é protagonista de uma revolução, como o é hoje o nosso povo.

E seguimos aprendendo, seguimos compreendendo melhor, e por isso podemos afirmar, porque temos aprendido rapidamente, que o imperialismo se depara com um problema muito difícil, com uma das batalhas mais difíceis em que já se envolveu. Temos de começar por compreender e por conhecer os termos exatos do problema para não nos enganarmos, para não falharmos; temos de ver as coisas com clareza. Essa é a nossa tarefa. Nossa tarefa nunca será, ou melhor, nossa política nunca será a política do avestruz, não. Que a política do avestruz continue sendo a política do imperialismo! [Aplausos.] Nós não vamos esconder a cabeça na terra para não ver; vamos levantar a cabeça para ver, e para ver com muita clareza, para compreender perfeitamente o que devemos compreender, e para explicar ao povo, ajudar o povo a compreender, junto conosco, o essencial do problema revolucionário. Virão, portanto, novas lutas.

[...]

Ou seja, transformamos todas as grandes fortalezas... [Alguém do público fala algo.] E eu não mencionei isso? Eu disse que de Camagüey... Ah, o outro também! Eu tinha esquecido... [Risos.] Sem contar os inúmeros quartéis de esquadrões que também transformamos em centros escolares. Foram criadas 10 mil vagas para professores; foram enviados professores até os recantos mais remotos

das montanhas; estão sendo construídos, neste momento, 150 centros escolares, com sete salas de aula em cada um; foram construídas instalações para 4.500 bolsistas universitários [aplausos]; foi criada a Imprensa Nacional, que pode produzir 150 mil livros a cada 48 horas; e foram alcançados recordes de venda de livros, que podem ser considerados recordes mundiais, como o de *Fábula del tiburón y las sardinhas* [Fábula do tubarão e das sardinhas],* que vendeu 174 mil exemplares em uma semana.

É impressionante o número de livros que, a preços nunca antes sonhados, estão sendo colocados ao alcance do povo. Está sendo editado todo tipo de livro. Nosso povo poderá se tornar, em alguns anos, um dos povos mais cultos do mundo, um povo que estuda, um povo que aprende a pensar, porque o que queremos não é incutir uma ideia em ninguém, mas que cada um, por si mesmo, vá descobrindo a verdade, como todos nós estamos descobrindo. O que queremos dar ao povo são os instrumentos que lhe permitam formar sua própria opinião sobre as verdades da sociedade e as verdades do mundo. Ou seja, que nosso povo aprenda a pensar, e por isso vamos imprimir milhões de livros todos os anos, o que virá complementar a tarefa da educação, já que os jovens que vocês ensinam poderão ter, cada um deles, uma biblioteca em casa por um valor muito modesto.

E, claro, isso é um avanço: que em pouco mais de um ano as fortalezas e muitos quartéis tenham se transformado em escolas; que tenha sido criada uma imprensa nacional, que possam ser impressos milhões de livros vendidos a 20, 25 e 30 centavos; que estejam sendo construídas centenas de escolas; que tenham sido criadas 10 mil salas de aula; que tenha sido feita uma grande reforma no ensino; que venha a ser estabelecido um ensino secundário básico** em cada município; que venham a ser criadas inúmeras

* Livro do ex-presidente guatemalteco Juan José Arévalo, publicado em 1956, que trata da relação entre o imperialismo estadunidense (o tubarão) e as nações centro-americanas (as sardinhas). (N.T.)

** Correspondente ao Ensino Fundamental II, no Brasil. (N.T.)

escolas técnicas, isso é avanço. Pelo menos um avanço que em 50 anos, em 58 anos, não havia sido feito, e que a revolução fez em pouco mais de um ano. Estes são os fatos [aplausos].

Por mais que isso incomode os inimigos da revolução, será muito difícil queimar esses livros que estamos imprimindo; será muito difícil destruir essa Imprensa Nacional, para voltar a publicar *La Marina** e todos aqueles jornais sensacionalistas e mercenários; será muito difícil destruir as escolas que estamos construindo; será muito difícil transformar novamente essas escolas em fortalezas; será muito difícil embrutecer os homens e as crianças que estamos ensinando; será muito difícil suprimir as 10 mil salas de aula que criamos; será muito difícil tirar dos camponeses, lá nas montanhas, os professores que lhes enviamos, para enviar-lhes um apostador, para enviar-lhes um jogador de dados, para enviar-lhes qualquer explorador; será muito difícil tirar a terra dos camponeses, obrigá-los a pagar novamente arrendamento, obrigá-los a pagar 20% ou 30% de sua colheita; tirar-lhes, além disso, no mercado, uma parte do preço; destruir suas cooperativas, destruir suas aldeias; devolver ao truste de energia elétrica e ao truste telefônico, ou ao truste petrolífero, as fábricas e as refinarias que o país nacionalizou. Muito difícil! Isso é muito difícil, tão difícil que é impossível, porque essa é uma das poucas coisas realmente impossíveis que existem no mundo: fazer retroceder um povo que avançou como o nosso povo avançou [aplausos].

Vai ser muito difícil tirar dos pescadores, mais uma vez, seus barcos, e tirar dos inquilinos suas casas, e tirar dos camponeses suas terras, e tirar do povo suas praias. Ou seja, vai ser muito difícil, é preciso reconhecer que tudo isso vai ser muito difícil, mas muito difícil.

* Jornal de tendência conservadora, um dos mais influentes até 1959. Marcado por uma postura contrarrevolucionária desde antes da Revolução Cubana, o periódico teve suas atividades encerradas na ilha em 1960, mas continuou sendo impresso em Miami, nos Estados Unidos. (N.T.)

Isso é o que conseguimos na educação. É um avanço, mas ainda nos falta. A maior conquista, temos que alcançá-la no próximo ano. Por que no ano que vem já podemos nos propor a acabar com o analfabetismo? Porque temos muitos milhares de professores a mais trabalhando; porque temos a Imprensa Nacional; porque temos mais organização. Não poderíamos ter aspirado a isso no ano passado, sem a Imprensa Nacional. Não tínhamos nem onde imprimir as cartilhas, não tínhamos professores. Agora sim. Agora temos que nos propor a vencer a batalha contra o analfabetismo em um ano. Dizem que é muito difícil, mas nós acreditamos que não, que isso sim podemos alcançar. Como? Transformando todo mundo em professor, todo aquele que sabe ler e escrever [aplausos].

Todos nós temos que ensinar alguém, todos nós! Somos todos professores? Não. Mas se nos explicarem como se utiliza uma cartilha de alfabetização e como se ensina a ler e escrever, ensinaremos a qualquer pessoa. Eu me atrevo a ensinar alguém a ler e escrever [aplausos].

Assim, se cada um de nós se tornar um professor, com um livro de alfabetização, e registrar, para que fique guardado em algum arquivo, as pessoas a quem ensinou a ler e a escrever... Agora, esse trabalho precisa estar centralizado em vocês, nos conselhos municipais de educação. Hoje encerra-se o congresso; vocês vão voltar para casa muito contentes, mas lembrem-se de que no ano que vem terão de prestar contas do que fizeram no Ano da Educação [aplausos]. O que devemos fazer? Voltar aos territórios e reunir todas as pessoas que queiram ajudar o plano: os sindicatos de trabalhadores, as associações camponesas, as instituições culturais, todos os que quiserem, até mesmo um latifundiário daqueles a quem a revolução tirou a terra; se ele quiser ajudar, digam que sim, que venha, que nós aceitamos que ele faça algo útil pelo povo... se é que há algum por aí, se é que há algum.

Mas, enfim, quero dizer a vocês que vão; todas as organizações profissionais, em torno do núcleo de professores e pedagogos,

os sindicatos, associações camponesas, profissionais, instituições culturais, organizações revolucionárias, organizações municipais, federação de mulheres, jovens rebeldes; enfim, todas as instituições em torno do conselho de educação, para cumprir a tarefa no município. Em alguns municípios é mais difícil do que em outros, mas podemos ajudar esses municípios e podemos reforçar.

É preciso mobilizar também os estudantes, os alunos do Ensino Fundamental, os estudantes de Pedagogia, os universitários; é preciso mobilizar todos que sabem ler e escrever, e cada um tem uma batalha a travar no município. E o município que ficar com analfabetos, os responsáveis serão vocês, os membros do Conselho de Educação de cada município [aplausos]. E, por enquanto, vamos ver qual município obtém os melhores resultados. Vocês sabem que, depois que uma pessoa tiver aprendido a ler e a escrever, se ela escrever uma carta de próprio punho para um escritório do Ministério da Educação que vamos organizar, ela receberá um livro de presente, como prêmio [aplausos]. Um livro sobre história e geografia de Cuba, e algumas noções de história e geografia do mundo, bem explicado, de maneira simples, para que qualquer homem ou mulher do povo possa compreendê-lo.

Não desanimem: é preciso transformar a educação em uma virtude e a ignorância em um vício; é preciso fazer com que todos aqueles que não sabem ler nem escrever se envergonhem disso, sobretudo depois que dermos essa oportunidade a todos. E que seja um vício e um defeito dos mais condenáveis, dos mais tristes e dos mais penosos, o fato de não saber ler nem escrever. Porque, enquanto houver cidadãos que não saibam ler nem escrever, e que vivam contentes por serem ignorantes, sempre haverá dificuldades. Mas é preciso criar uma consciência revolucionária, e é preciso criar em cada cidadão a consciência de que não saber ler nem escrever é uma vergonha, e que quem não souber ler nem escrever terá de andar de cabeça baixa, porque será vítima de um defeito dos mais desprezíveis. É preciso criar essa consciência para que ninguém fique sem saber ler nem escrever.

É um crime que a riqueza acumulada pela humanidade por meio de suas melhores mentes se perca para milhões de seres, para mais de 1 milhão, quase 2 milhões de cubanos, que se perca todo esse imenso acervo da cultura acumulada pelo homem ao longo da história. Quem sabe ler e escrever e tem em casa uma biblioteca possui um tesouro, e pode-se considerar muito mais feliz do que aqueles que acumulam não tesouros de verdade nem tesouros de inteligência, mas tesouros de dinheiro, tesouros de riqueza egoísta. Qualquer homem tem ao alcance de suas mãos essa oportunidade.

Transformemos a ignorância em um vício. Transformemos a ignorância, ou seja, o conceito de ignorância, transformemos isso em um defeito e em uma desonra para cada cidadão, para que não reste um único que não se interesse por aprender a ler e escrever, seja jovem ou velho, tenha 12 ou 80 anos. Se não sabe ler nem escrever, é preciso ter paciência para ensiná-lo a ler e escrever [aplausos].

A questão é que, no ano que vem, em 31 de dezembro do ano que vem, não deve restar um único analfabeto em Cuba. Vocês têm essa responsabilidade. Portanto, já têm trabalho para o que resta deste ano e para todo o ano que vem. Mobilizem, organizem, reúnam todos aqueles que possam ajudá-los, e vamos realizar essa grande cruzada.

No ministério já estão elaborando as cartilhas e os planos para preparar professores, ou seja, as instruções para que qualquer pessoa saiba como usar essa cartilha de alfabetização.

Eu só quero saber se vocês acreditam que, em 1961, podemos vencer a grande batalha da cultura [aplausos e gritos: “Sim!"]. E se vocês se comprometem a realizar essa tarefa... [gritos: “Sim!"] bem, todo o povo de Cuba é testemunha da promessa que vocês fizeram [aplausos prolongados e gritos: “Cuba sim, ianques não!”].

Resta-me apenas dizer-lhes que vocês são o grande exército da educação do nosso país e que têm pela frente uma grande batalha. Desejamos que vocês a travem com sucesso; que nos incluam entre aqueles que estão dispostos a trabalhar nessa campanha; que

o povo de Cuba saberá recompensar os professores pelo que eles estão fazendo hoje pelo povo.

E uma lembrança para o Pai da Pátria, para Carlos Manuel de Céspedes, a quem hoje os professores prestaram a melhor homenagem! [Ovação.]

Nós não dizemos ao povo: "Acredite!". Nós dizemos: "Leia!"*

Sobre este problema da revolução e da educação há muito a dizer, a questão é decidir por onde começar.

Pode-se analisar a questão sob dois aspectos: o aspecto teórico e o aspecto prático. É claro que não se pode conceber uma revolução sem educação. Precisamente pelo fato de a revolução ser uma mudança completa, profunda na vida de um país, em todas as suas esferas, o primeiro grande problema da revolução é como combater e como vencer a influência das velhas ideias, das velhas tradições, dos velhos preconceitos, e como as ideias da revolução vão ganhando terreno e se tornando questões de conhecimento comum e de clara compreensão para todo o povo.

Esse problema da educação não se refere apenas à educação dos analfabetos ou daquelas pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar instituições de Ensino Superior, mas é, acima de tudo, um problema de educação das próprias massas da revolução.

Por exemplo, muitos problemas que antes não compreendíamos, porque nem sequer tínhamos acesso ao assunto; ou seja, havia muitos temas que nem sequer podiam ser abordados aqui, havia certos tipos de verdades fictícias, que já haviam adquirido o *status* de dogmas em nosso país, sobre as quais não se podia sequer duvidar.

* Trechos da intervenção na cerimônia de encerramento do VI Ciclo de Conferências da Universidade Popular, com o tema "Educação e Revolução", Havana, 9 de abril de 1961, "Ano da Educação". (N.E.)

A revolução começou por colocar em dúvida todos esses dogmas e todas essas verdades convencionais – não “convencionais”, verdades fictícias, falsas, que, portanto, não podiam ser verdades; vamos chamá-las de mentiras: verdadeiras mentiras – que, no entanto, tinham para muita gente, para centenas de milhares de pessoas, o *status* de verdade.

A revolução começou com uma revisão de todas essas mentiras. Qualquer cidadão poderia se perguntar hoje o que sabia antes de 1º de janeiro e o que sabe hoje; qualquer cidadão poderia se perguntar quais coisas compreendia antes de 1º de janeiro e quais coisas compreende hoje, e chegaria à conclusão de que, indiscutivelmente, aprendeu muito nestes últimos dois anos. Sobretudo porque, numa revolução, aprende-se com grande rapidez. Se qualquer um de nós, daqueles que tivemos uma responsabilidade maior no processo da revolução, nos perguntássemos o quanto aprendemos nesses últimos dois anos, também chegaríamos à conclusão de que sabemos hoje mais do que sabíamos naquela época.

Nós não achávamos que sabíamos tudo, longe disso; já tínhamos passado por uma experiência, em outro aspecto da luta. Quando começou a luta armada, na qual sempre pudemos, mês a mês, comparar a experiência que íamos adquirindo ao longo da luta, na verdade percebemos que, quando iniciamos essa luta armada, praticamente nenhum de nós tinha conhecimentos sobre o assunto e, no entanto, no decorrer da luta fomos adquirindo uma grande experiência, até que, no final, já podíamos dominar perfeitamente qualquer situação.

Quanto ao governo, aconteceu o mesmo: nossa experiência atual para resolver muitos problemas é incomparavelmente maior do que a experiência dos primeiros dias; mas nós sabíamos disso, e isso era o mais importante: sabíamos que não sabíamos. E lembro-me de que uma das primeiras coisas que disse naqueles primeiros dias de janeiro foi que estávamos como quando havíamos desembarcado do Granma, ou seja, não sabíamos muita coisa, mas estávamos cheios de boa vontade, de sinceros desejos de

cumprir bem nossa tarefa e nosso dever. Porque, por outro lado, não existe nenhum curso universitário sobre assuntos de governo. Na universidade, estuda-se Medicina, Engenharia, Arquitetura... Ninguém pensa, por exemplo, em deixar uma criança ser operada por um estudante do primeiro ano de Medicina, muito menos por um aluno do Ensino Médio. Todo mundo prefere consultar um médico formado, experiente e competente, e coloca sua saúde ou a de seus familiares nas mãos desse médico.

Mas no que diz respeito ao governo, que é algo tão complexo, tão difícil, não existe nenhum curso, e muitas vezes o governo dos países cai nas mãos de pessoas que não têm conhecimento ou experiência, ou que são aprendizes. E, em geral, o governo aqui, muitas vezes, esteve nas mãos de pessoas que não tinham boa-fé nem intenções honestas e sinceras de trabalhar, mas sobretudo nas mãos de pessoas habilitadas, que tinham a habilidade e as condições para prevalecer em um ambiente completamente corrompido, ou seja, prevalecer em meio a essa corrupção, mas não como pessoas honradas, e sim precisamente conquistando papéis de destaque dentro dessa situação.

E eram os políticos inescrupulosos, desonestos e incompetentes que tinham nas mãos o governo do país; mas, naturalmente, nem sabiam como resolver os problemas, nem queriam resolvê-los. Isso não era algo que lhes interessasse de forma alguma.

Nós, pelo menos, tínhamos boas intenções e o propósito de resolver os problemas a partir do governo, partindo da base de que ganharíamos experiência ao longo do caminho, e que era uma questão difícil, para a qual, como já dissemos, não existe escola de governantes.

Talvez com o desenvolvimento da sociedade humana, à medida que uma série de tarefas governamentais se torne cada vez mais especializada, enfim, o trabalho se divida fundamentalmente entre um número maior de técnicos para desenvolver as diferentes tarefas governamentais.

Mas, começando por nós mesmos, que nestes dois anos fomos ganhando experiência; ao mesmo tempo que fomos aprendendo,

fomos tentando ensinar. Ao mesmo tempo que fomos raciocinando, tentamos fazer com que os outros raciocinassem conosco, e ir enriquecendo a experiência do povo com a experiência de cada um de nós, e também ir enriquecendo a experiência de cada um de nós com a experiência do povo. Porque não é que tenhamos ensinado ao povo: aprendemos muito mais com o povo do que ensinamos a ele, pois o que sabemos extraímos do povo. A experiência adquirida sobre as condições de vida e, em geral, sobre quase todos os assuntos que interessam ao governo, fomos adquirindo do próprio povo, em cada canto do país. Conversando com um professor se aprende muito sobre a educação, muitos dos problemas da educação; conversando com médicos que trabalham no campo, conversando com operários, se aprende sobre os problemas das fábricas; conversando com os camponeses, se aprende sobre os problemas do campo. E, enfim, quase todos esses problemas têm uma fonte de solução e de informação.

E essa fonte de informação está, fundamentalmente, no povo. Esse tem sido um dos nossos métodos de aprendizagem: buscar no povo a informação, buscar no povo a experiência, nos informar no povo sobre suas necessidades e nos informar no povo sobre seus sentimentos, suas aspirações, seus desejos, suas preocupações. Também receber do povo ideias, pois o povo é uma fonte extraordinária de ideias. São milhões de mentes pensando sobre a mesma coisa, milhões de mentes oferecendo soluções. E, enfim, muitas vezes a tarefa dos dirigentes de um país é recolher e elaborar muitas dessas ideias.

Ou seja, este tem sido para todos um processo de educação. Os primeiros educados pela revolução somos todos nós: governo e povo, o que acaba sendo exatamente a mesma coisa.

Portanto, a massa do país vem adquirindo uma grande quantidade de conhecimentos políticos que, na verdade, ignorava nos anos anteriores e nos primeiros tempos da revolução. Sobre as questões internacionais, por exemplo, o povo era muito ignorante com relação a esses problemas. De todas as questões internacio-

nais, aqui nós só tínhamos a informação que nos chegava por meio das agências de notícias estadunidenses, das revistas, jornais e livros estadunidenses. Em geral, tínhamos uma ideia do que acontecia em qualquer parte do mundo pelo que aparecia nos telegramas. Esses telegramas eram publicados nos jornais que estavam, simplesmente, a serviço desses mesmos interesses em nosso país.

Só agora que compreendemos, por exemplo, quanta mentira e quanto veneno foram inculcados na mente do povo; quanta informação falsa. Por quê? Porque tivemos que viver essa experiência. E é muito curioso, por exemplo, ler uma notícia de qualquer uma dessas agências publicadas no exterior; a impressão com que chegam, inclusive alguns visitantes a Cuba, devido à informação constante que recebem sobre coisas horríveis, coisas atrozes; chegam até a dar a impressão de que o país vive em um estado de caos, de guerra civil, de terror, enfim, todas essas coisas.

Quando os visitantes vêm a Cuba, sobretudo aqueles que podem se deixar confundir, e veem o clima de ordem, de alegria, de entusiasmo que o povo vive, é aí que eles percebem, porque muitos deles vêm de países onde, na verdade, o povo vive nessa agonia de governos corruptos, de governos que não fazem nada pelo povo, tal como era a situação no nosso país antes da revolução, e enxergam perfeitamente a extraordinária diferença que existe entre o estado de ânimo do povo e o que viram em outros países.

Essas fontes de informação nos davam não apenas informações falsas sobre o que poderia estar ocorrendo, mas, ao mesmo tempo, nos davam comentários, nos davam informações, porque essas agências de notícias não são meras agências de informação. Ou seja, dizem que tal coisa aconteceu, mas também são comentaristas. Ou seja, elas comentam as notícias e as apresentam da maneira que mais convém à política do imperialismo. Durante muito tempo, nosso país viveu praticamente isolado do mundo. Não sabíamos nada do mundo, a não ser o que nos dizia uma parte do mundo, a que dominava a economia do nosso país e dominava politicamente nosso país por diversos meios.

Muitas vezes, marginalizávamos a questão internacional. Além disso, Cuba não desempenhava nenhum papel no cenário internacional. Era uma ilhota que, para muitos estadunidenses, inclusive, era um recife próximo à Flórida.

Não sei se vocês sabem que muitos estudantes universitários estadunidenses – aliás, vale dizer que os centros de estudos estadunidenses são muito deficientes –, além disso, grande parte da cultura que lhes é incutida ali, é uma cultura de Hollywood, por exemplo, de filmes de faroeste, de histórias de gângsteres, de filmes de caráter sexual, filmes em que toda a realidade do mundo é mistificada e distorcida. Já falamos sobre isso em mais de uma ocasião, as ideias, por exemplo, que nos apresentavam com relação à África, por meio de uma série de publicações, uma série de filmes em que os africanos sempre apareciam como um povo selvagem; nunca aparecia um africano poeta, engenheiro, arquiteto, médico, revolucionário, um africano conhecedor dos problemas sociais e políticos de seu país. Nunca nos falavam da cultura da África; nunca, jamais. A criança, o jovem, o adulto, por exemplo, viam os filmes estadunidenses sobre a África, e todos tratavam do mesmo tema: tribos selvagens seminuas, armadas de lanças, canibais, devoradoras de seres humanos. Então, o homem branco era o herói, aquele que, em combate, com um rifle – e que ironia, pois eles estavam sempre armados com um rifle automático, com uma metralhadora –, derrotava os selvagens africanos, assassinava os negros africanos. Esses eram os heróis do filme.

Dessa forma, quanto veneno não recebemos na nossa infância e na nossa juventude! E assim o recebeu, por exemplo, a juventude estadunidense. Como é difícil fazer um filme realmente progressista nos Estados Unidos! Existem algumas produtoras independentes estadunidenses que fazem filmes do tipo, filmes de caráter crítico, que criticam a ordem social, que criticam os males da sociedade em que vivem, mas, por mais brandas que sejam essas críticas, há um boicote tão grande e um bloqueio tão completo por parte das empresas monopolistas do cinema, que as mantêm com-

pletamente asfixiadas. Existem alguns filmes dessas produtoras independentes que são bons, que ensinam. Vocês têm, por exemplo, a experiência, sabem o que aconteceu com Charles Chaplin, um artista revolucionário, cujos filmes eram um ensinamento para o povo. Pois bem, acabaram banindo Charles Chaplin, praticamente expulsando-o dos Estados Unidos. O que restou então? Restou todo o tipo de escritor que só pensa em negócios, o tipo de escritor negociante, que se preocupava simplesmente em fazer esse tipo de filme, não para educar o povo.

Quem quiser saber ou ter uma ideia do que é o desvio cultural, a distorção que a cultura está sofrendo nos Estados Unidos, basta ver os títulos dos filmes. Os títulos mais sangrentos, os títulos mais sombrios: de crime, de questões sexuais, de todo tipo. Esses são os títulos. Quem quiser, que ande de ônibus, pelas ruas, que veja os títulos, porque esses títulos ainda circulam por aí, infelizmente, assim como circulam muitos filmes que não são... [Aplausos.]

Analisem vocês mesmos esses cartazes, e verão como são pouco edificantes, pouco instrutivos, pouco positivos. E calculem a influência que, por exemplo, isso tem sobre o jovem, o estudante estadunidense. Quando não é filme de negros selvagens, é um filme de caubóis do Oeste; quando não, os filmes não são sobre negros selvagens, são sobre os indígenas estadunidenses, então o herói é o homem branco matando os peles-vermelhas. Porque antes os peles-vermelhas que eles perseguiam eram os peles-vermelhas dos Estados Unidos, e agora os peles-vermelhas que perseguem são os revolucionários, a quem eles também chamam de peles-vermelhas [aplausos].

Quando não, são questões sobre esses temas: homens assaltando diligências, homens ávidos por ouro, sempre com o já conhecido espetáculo de mulheres seminuas em todos esses lugares; quando não, são filmes de gângsteres; quando não, são filmes de cabarés; quando não, são filmes de jogo; quando não, são filmes de sexo; as coisas mais extravagantes e mais terríveis que podem ocorrer a essas pessoas. E, além disso, são bobas, idiotas, por isso todo mundo, quando um filme começa, já sabe como ele sempre termina.

Isso está repleto de uma superficialidade tão grande que, naturalmente, afasta o povo dos verdadeiros valores culturais e torna a mente das massas completamente superficial, a ponto de vocês calcularem a situação de um país onde o cinema, a televisão, a imprensa, as revistas e a informação são dirigidos exatamente pelo mesmo interesse reacionário.

Dessa forma, é impossível que uma sociedade como a estadunidense possa produzir outra coisa. A vida de um camponês, de um operário, a vida em uma cooperativa, por exemplo, que será no futuro fonte de tantas coisas interessantes para o país; a vida dos camponeses, a vida dos operários, dos pescadores, todos esses temas de caráter humano, que serão um dia tema da revolução, dos romances, dos livros, do cinema, de tudo. Agora, o que os Estados Unidos podem exibir além do que é aquela sociedade? Gangsterismo, sexo, egoísmo, ambição, jogo; enfim, tudo o que, na verdade, nós podemos ver. Para isso, basta olhar alguns cartazes de cinema e assistir a alguns filmes estadunidenses que ainda circulam por aí.

Por isso, a juventude estadunidense tem uma grande ignorância sobre os problemas do resto do mundo. E surgiu esse assunto dos filmes quando eu ia dizer que, para muitos estadunidenses [...] E havia estudantes cubanos nos Estados Unidos, geralmente filhos de famílias abastadas, que ficavam muito incomodados ao constatar em algumas universidades e *colleges** [risos] estadunidenses que aquelas pessoas muitas vezes não sabiam que Cuba era uma ilha independente, não sabiam que Cuba era um país independente. É claro que eles também não estavam muito longe da verdade; possivelmente a Emenda Platt,** o direito de intervir, o direito de derrubar e instalar

* Faculdades. Em inglês, no original. (N.T.)

** A Emenda Platt foi uma imposição dos EUA, em 1902, à Constituição que formalizava a Independência de Cuba. A emenda, redigida pelo senador estadunidense Orville Platt para o Comitê de Assuntos Cubanos do Senado estadunidense, tornava Cuba um protetorado estadunidense, condição para que se encerrasse a ocupação militar do território cubano por forças estadunidenses desde 1898. (N.T.)

governos, o direito de enviar *marines*, a base naval, todas essas coisas faziam com que a juventude pensasse, com razão, que Cuba não era independente. Os únicos que acreditavam aqui que éramos independentes eram os cubanos; grande parte dos cubanos acreditava ingenuamente que vivia em um país independente.

A Emenda Platt durou muito tempo; depois, não é que a Emenda Platt tenha desaparecido, as formas constitucionais mudaram, mas ela continuou vigente, como segue vigente nos países da América; é um direito de intervenção de fato estabelecido pelos Estados Unidos, porque não precisou de nenhuma Emenda Platt no Haiti, não precisou de nenhuma Emenda Platt em Santo Domingo, não precisou de nenhuma Emenda Platt na Nicarágua nem no México. Ou seja, mesmo sem a Emenda Platt, eles se arrogavam o direito de intervir em qualquer país, de enviar seus navios de guerra, desembarcar sua infantaria naval, enfim...

Mas em Cuba não era apenas uma questão de fato, mas uma questão de direito que eles haviam arrogado à força no início da república. Depois, a Emenda Platt desapareceu, porque disseram: bem, para que serve a Emenda Platt se, no fim das contas, exercemos influência decisiva por meio da economia, por meio do controle ferrenho da economia dos países, países que dependem completamente do nosso mercado, países que não comercializam com mais ninguém além de nós; qualquer país que ofereça a menor resistência ao nosso governo é um país que não pode se manter no poder, porque imediatamente podemos estrangular sua economia por meio de medidas de caráter econômico.

Por isso, certa vez esse problema chegou a ser discutido em uma conferência de representantes dos países latino-americanos, e ficou acordado que era preciso condenar a agressão econômica. Ou seja, considerar a agressão econômica como uma forma de agressão política, como de fato é. E chegou-se a um acordo, acordo que, é claro, não valeu de nada diante de um império que realmente destrói em pedacinhos qualquer norma de direito e de moral internacional.

Mas os estudantes estadunidenses muitas vezes acreditavam que Cuba fazia parte do território estadunidense, e então esses estudantes, filhos de famílias ricas, ficavam muito ofendidos com isso. Então, eram eles que diziam que aquelas pessoas eram ignorantes e que nem sabiam que Cuba era uma ilha. Naturalmente, ficavam ofendidos com isso.

O fato de serem donos das terras, das indústrias, de todas essas coisas, isso não os preocupava. Afinal, eles, juntamente com as empresas e os monopólios, eram os grandes beneficiários da riqueza e do trabalho nacional; mas isso os ofendia muito, e é curioso, o que realmente os ofendia era que, estando ali junto com os estadunidenses, aqueles estudantes filhos de ricos, assim como eles, pudessem, no entanto, dar-se ao luxo de acreditar que sua ilha era uma propriedade, ou estado, ou colônia, ou *cayo** dos Estados Unidos. A ignorância chegava a tal extremo que aquilo era uma crença certa e muito generalizada.

O estudante do Ensino Médio dos Estados Unidos, dado o sistema de ensino ali existente e suas deficiências, apresenta uma ignorância extraordinária sobre os problemas de caráter internacional.

Na verdade, nos últimos anos, e como consequência das convulsões que afetam o mundo e a vida de seu próprio país, observou-se entre os estudantes universitários dos Estados Unidos, e até mesmo entre os do Ensino Médio, um grande aumento do interesse por parte dos estudantes sobre esse problema de caráter internacional. Porque, evidentemente, o mundo chegou a tal ponto e a tal encruzilhada em que é impossível para qualquer jovem em qualquer país, por mais asfixiada que esteja a cultura e por mais distorcida que esteja a educação nesse país, que os jovens não comecem a se preocupar com essas questões. Mas, em geral, os programas de ensino lá são muito deficientes.

* Ilha rasa e arenosa, muito comum no Caribe, formada sobre recifes e corais ou coberta de mangues. (N.T.)

Só recentemente, depois do triunfo da revolução, é que nosso país começou a ser reconhecido como um país soberano e independente nos Estados Unidos. Até o triunfo da revolução, nosso país, para a maioria dos estadunidenses... nem sabiam bem onde ficava. Alguns turistas bêbados, alguns jogadores profissionais, alguns gângsteres e algumas pessoas decentes, porque também vinham intelectuais, vinha também uma parte dos nossos visitantes, naturalmente, que eram pessoas decentes, e para eles as portas em nosso país estão sempre abertas, mesmo que o imperialismo as feche.

Por isso, no cenário latino-americano, nosso país também não figurava como uma referência internacional. Era apenas mais uma ilhota ianque ou pró-ianque; os cubanos, naturalmente, reagiam a essa realidade. Eles se consideravam insignificantes no mundo, sem voz nem voto; na ONU, a única coisa que faziam era votar no que o delegado estadunidense lhes indicava; na OEA, a única coisa que faziam era votar no que o delegado estadunidense lhes indicava. Os cubanos reagiam a essa realidade de não serem absolutamente nada, nem significarem absolutamente nada no mundo.

Portanto, era lógico que não se despertasse o interesse pelos problemas exteriores. Na verdade, para nós é impossível acreditar que algum país na era contemporânea possa viver ausente do mundo e alheio a todo o mundo que o rodeia; porque, afinal de contas, somos uma parte minúscula de um mundo que é incomparavelmente maior do que nós, e cujas relações com ele nos afetam e nos interessam.

Nesse sentido, após o triunfo da revolução, o povo começou a sentir uma grande curiosidade e tem enriquecido extraordinariamente seu conhecimento sobre as questões internacionais; seus estudos sobre todos os problemas de outros países, estudos que antes eram proibidos; porque, na verdade, o povo cubano não tinha sequer acesso à informação, não tinha acesso à literatura de outros países e, enfim, a fonte de informação e de acesso ao conhecimento de caráter universal também estava completamente bloqueada.

Em nossos programas de ensino, nos livros didáticos, tudo era influenciado também por esse mesmo espírito. O povo foi adquirindo conhecimento sobre os problemas da África, sobre os problemas da Ásia, sobre os problemas da Europa, sobre os problemas do socialismo; em suma, foi compreendendo o fenômeno do imperialismo, o fenômeno do colonialismo, foi compreendendo os sistemas socialistas de produção e foi estabelecendo – sobretudo, nessa escola tão formidável que é a vida, e a realidade que ensina muito mais do que qualquer livro didático –, foi conhecendo todos esses problemas que antes eram absolutamente ignorados pelo povo. E nestes dois anos, o povo vive um processo em que vem abrindo cada vez mais os olhos para a realidade.

Por exemplo, aprendemos a conhecer o que eram os Estados Unidos, aprendemos a conhecer o que era o imperialismo, aprendemos a conhecer, pela dura realidade dos fatos, o que é um país cuja riqueza, cujos recursos naturais, cujas principais fábricas estão nas mãos de monopólios estrangeiros; a resistência que esses monopólios e esses interesses opõem a qualquer movimento de libertação, a qualquer movimento revolucionário; aprendemos na própria pele a história das revoluções. Por isso seria tão interessante revisar agora os livros sobre a Revolução Francesa e a Revolução Russa, para que possamos compreender que os problemas que aquelas revoluções tiveram são os problemas que nós também estamos enfrentando.

Ou seja, as duas revoluções que aconteceram há muitos anos, e que hoje são realidades da história, e sobre as quais, hoje, muitas pessoas estudam tranquilamente sentadas em seu escritório e se dedicam à leitura... Os problemas da Revolução Francesa, por exemplo, não causam arrepios a ninguém; a nobreza feudal já desapareceu, as monarquias feudais desapareceram. Mas naquela época, em que quase todos os países estavam condenados... governados por condes – e também condenados [risos] –, marqueses, príncipes, reis, direitos herdados pelo sangue; ou seja, eram governados por pessoas de sangue azul, em que os governos dos

povos de sangue azul, pois eram duas coisas que se identificavam perfeitamente, em que os governos eram de tipo hereditário... A Revolução Francesa, por meio da qual os servos, os camponeses, os operários da França, com uma nova classe social, que eram os comerciantes, os industriais, porque havia pessoas que não tinham sangue azul, mas, em contrapartida, eram engenhosas, e para trabalhar começavam a desenvolver uma pequena indústria; havia pessoas que não tinham sangue azul, mas eram ótimos comerciantes, inclusive o comércio para as pessoas de sangue azul era uma atividade desonrosa e [elas] deixavam essa atividade para uma série de pessoas que não tinham sangue azul.

Todas essas pessoas começaram a constituir uma classe social, começaram a desenvolver o comércio, começaram a desenvolver a indústria e, como consequência, foram adquirindo um grande poder social. Mas o poder social dessa classe via seu desenvolvimento freado por uma série de obstáculos de tipo feudal, uma série de direitos de tipo feudal. Entre outras coisas, o governo estava nas mãos de uma classe totalmente parasitária que, diante daquela classe que surgia, daquela classe que trabalhava, em poucas palavras: seus negócios prosperavam, mas havia aquela classe de sangue azul, absolutamente parasitária, que impedia o desenvolvimento daquela nova classe social, que impedia o desenvolvimento do comércio, o desenvolvimento da indústria, por uma série de obstáculos, uma série de restrições, uma série de impostos e, além disso, porque aquela classe governava com uma mentalidade de classe completamente anacrônica para a sociedade que estava nascendo no início da era industrial e no início do grande desenvolvimento do comércio internacional.

E essa classe social, unida às demais classes sociais, ou seja, aos servos que trabalhavam nos latifúndios; unida aos primeiros grupos de operários, levou a cabo uma revolução contra as pessoas de sangue azul.

Naquela época, em todas as partes do mundo, as pessoas de sangue azul também eram donas das fontes de informação, das universidades; o clero também, naturalmente, naquela época era

aliado das pessoas de sangue azul, não era aliado das pessoas da indústria nem dos comerciantes [aplausos].

Naquela época, os cardeais não esperavam na antessala, nem participavam dos banquetes com senadores e presidentes, como fazem atualmente nos Estados Unidos com o presidente milionário do país dos consórcios e dos monopólios, com os senadores... naquela época, os cardeais esperavam nas portas da corte, dos palácios imperiais, dos condes, dos príncipes. Então, todas aquelas pessoas que falavam de república, de uma república que representasse os interesses daquela classe nascente, naquela época eram proscritas, as pastorais eram feitas contra os comerciantes, os industriais e os revolucionários porque, simplesmente, representavam um novo interesse social, frente ao interesse social das classes de sangue azul. Era o mesmo fenômeno.

Assim, em toda parte, a Revolução Francesa era anatematizada pelas pessoas de sangue azul, em seus jornais, em seus livros, em seus púlpitos, em seus palácios, em suas cortes; enfim, em todas as partes do mundo travava-se guerra contra aquelas ideias revolucionárias que proclamavam que o governo não deveria ser de tipo hereditário, que proclamavam uma nova ordem social por meio da qual se encontrasse um meio adequado para o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade.

Então veio a luta, veio a coalizão de países europeus, a coalizão das coroas da Europa, do sangue azul da Europa: os de sangue azul da Espanha, da França, da Alemanha, da Áustria, da Inglaterra, dos principados italianos, da Rússia, da Polônia, de todos os países. Aquele país que proclamava a revolução burguesa ficou cercado pelos exércitos das pessoas de sangue azul. E então invadiram a França. Apoiando quem? As pessoas de sangue azul da França, ou seja, apoiando os condes, os marqueses, os príncipes, os herdeiros dos Bourbons, que estavam refugiados na Inglaterra, na Espanha, na Alemanha e em todos os lugares.

Assim, naturalmente, os revolucionários franceses, defendendo-se dessa agressão, defendendo-se das traições, se viram na ne-

cessidade de recorrer à guilhotina. E então toda a campanha era contra a guilhotina e criou-se aquele clássico "Terror da Revolução Francesa". Em suma, eram todas as potências coligadas da Europa, toda as pessoas de sangue azul da Europa, todos os exércitos da Europa contra o povo francês, que lutava não apenas contra a reação interna, mas contra a reação internacional. E, no fim das contas, obteve a vitória.

Da mesma forma aconteceu com a Revolução Russa. Então, já não eram os de sangue azul, eram os de sangue de barata, poderíamos dizer [aplausos]. É claro que ainda existia na Rússia um governo monárquico de tipo feudal, mas que não era o tipo de governo monárquico feudal da época da Revolução Francesa: já existia uma indústria nascente, o fenômeno do imperialismo já era uma realidade; os banqueiros ingleses, franceses, alemães, enfim, os banqueiros da Europa, tinham levado seu dinheiro para comprar os poços de petróleo, as minas de carvão, as minas de ferro, controlavam os serviços públicos, controlavam o sistema bancário da União Soviética – naquela época a Rússia, a Rússia dos tsares –, [eles] eram também os donos da economia da Rússia.

Aquela não era apenas uma revolução contra aquela ordem, contra aquele sistema obsoleto da monarquia, mas já era um sistema monárquico no qual os de sangue azul se tinham aliado aos de sangue de barata. Tinham seus interesses completamente coligados com os banqueiros, com os monopólios, com os donos das minas, com os grandes industriais.

Eram os remanescentes daquela gente de sangue azul ligados àquela classe comercial e industrial que havia se desenvolvido na Rússia. A Revolução Russa já não era uma revolução do tipo da francesa, mas dirigia-se fundamentalmente contra a ordem social que aquelas duas classes também representavam, e visava precisamente à abolição do domínio da sociedade por parte dos dois tipos representados: tanto as pessoas que, por razões de sangue, herdavam uma série de privilégios, quanto as pessoas que, por terem acumulado em suas mãos os recursos da nação, mantinham o

domínio econômico e político do país, às custas dos camponeses e dos trabalhadores explorados de forma miserável.

Mas o que acontece? Quando ocorre a Revolução Russa, acontece exatamente o mesmo que na Revolução Francesa: toda a gente de sangue de barata do mundo se alia inclusive aos de sangue azul, onde ainda restavam vestígios de sangue azul, contra quem? Contra a Revolução Socialista da Rússia, contra a revolução dos operários e camponeses, porque a Revolução Russa não foi a revolução dos comerciantes e dos industriais contra as pessoas de sangue azul, mas a revolução dos operários e camponeses contra as pessoas de sangue azul e de sangue de barata [aplausos].

Diante dessa revolução, também surgiu uma reação em todo o mundo. Os donos dos bancos, os donos das indústrias, os donos dos monopólios, os donos do dinheiro, ou seja, as classes reacionárias de todo o mundo uniram-se, desta vez, novamente ao clero, que, desta vez, não se alia a Luís XVI, aos Bourbons nem a nada disso. Com quem o clero se aliou? Ah, com as pessoas que dominavam economicamente.

Já não se tratava dos problemas do governo hereditário dos condes, marqueses, não, embora ainda restem um ou outro ligado a eles, porque na Espanha há uma aliança completa, por exemplo: clero, nobreza, latifúndios, capital financeiro imperialista e os capitalistas nacionais da Espanha. Toda essa gente forma uma grande força contra os operários e contra os camponeses que estão nas prisões e que são perseguidos na Espanha. Foi a consequência da derrota do povo espanhol pela violência, não dessa força, porque essa força reacionária da Espanha – os padres, os nobres, os marqueses, os industriais, o capital financeiro imperialista na Espanha – não teria conseguido derrotar o povo espanhol, mas contra o povo espanhol... essa gente, apoiada diretamente pelos tanques hitleristas, por aviões hitleristas, por divisões inteiras de fascistas, dos fascistas de Mussolini, lutando contra o heroico povo espanhol, diante da indiferença, inclusive da cumplicidade. A cumplicidade de quem? Dos senhores do dinheiro na França, dos senhores do dinheiro na Inglaterra, dos senhores do

dinheiro nos Estados Unidos, diante daquela intervenção criminosa do fascismo e do nazismo na Espanha. Pois, em última análise, eram classes sociais que não queriam que ocorresse uma revolução social na Espanha, fizeram vista grossa, criaram um Comitê de Não Intervenção. Mas em que consistia esse Comitê de Não Intervenção? Em que não se podia enviar nada aos republicanos, enquanto os nazistas e os fascistas, à vontade, enviavam armas aos inimigos do povo espanhol.

Assim, todas as pessoas ricas do mundo se voltaram contra aquela revolução socialista, e então começaram as lendas. Começaram pelos jornais, pelo rádio, por todos os meios de divulgação, informação, todos os meios, a fazer com a Revolução Russa o que haviam feito com a Revolução Francesa. Todas essas forças reacionárias voltaram-se novamente contra a revolução social porque, naturalmente, quando ocorre uma revolução social em um país, as classes dominantes em todos os outros países reagem contra essa revolução social.

Há um ditado que diz: "Quando você vir a barba do seu vizinho arder, coloque a sua de molho". Quando as classes dominantes, os reacionários de qualquer país, veem as barbas da classe dominante de um país vizinho arder, eles imediatamente colocam as suas de molho, ou seja, começam a tomar todas as medidas que o imperialismo e a reação internacional tomam.

Qual é a reação em relação à Revolução Cubana? Exatamente essa: todos os governos reacionários do mundo estão contra nós, todos os governos de políticos ladrões estão contra nós, todos os governos de latifundiários exploradores de indígenas, de negros, de trabalhadores e de camponeses estão contra nós; todos os administradores de todos os monopólios, do petróleo, da eletricidade, das minas, de qualquer parte do mundo, estão contra nós. Vocês não vão supor que haja um único administrador de um monopólio estadunidense que seja a favor da Revolução Cubana e forme um comitê de solidariedade com a Revolução Cubana, não tenham a menor dúvida disso.

No dia em que um desses senhores, por qualquer motivo que fosse, porque tivesse tido um lampejo de inteligência ou porque fosse um revolucionário inédito, e fizesse parte de um comitê de solidariedade com Cuba, seria rapidamente expulso do monopólio no dia seguinte. Nenhum presidente de nenhuma empresa monopolista, de nenhuma empresa de mineração, de comércio, de indústria, em qualquer parte do mundo estará ao lado da Revolução Cubana; nenhum governo de políticos corruptos, de ladrões, estará ao lado da Revolução Cubana; nenhum latifundiário em nenhuma parte do mundo estará ao lado da Revolução Cubana; nenhum reacionário do mundo estará ao lado da Revolução Cubana.

Por quê? Porque eles estão em todos esses países dominados, exercendo o império de seu domínio econômico e político, roubando os povos, vendendo os recursos econômicos do país em troca de interesses pessoais e do apoio que lhes é concedido pelo imperialismo. Nenhuma casta militar, desse tipo de militar que nunca foi a nenhuma guerra, que usa mais galões do que os que usava Napoleão Bonaparte, que ganha mais soldo do que ganhava um imperador em outros tempos; essas pessoas também não estão com a Revolução Cubana nem podem estar.

Essas pessoas se reúnem, se reúnem em torno do Pentágono, da Junta Interamericana de Defesa, da ONU, da OEA, da SIP [Sociedade Interamericana de Imprensa], se reúnem em todas as organizações internacionais reacionárias, contra a Revolução Cubana. Ou seja, toda essa classe social que não quer que haja uma revolução, porque nenhum político ladrão quer ser destronado de seu domínio político, nenhuma casta militar quer ser substituída por um exército revolucionário; nenhum latifundiário quer que se faça a reforma agrária; nenhum monopólio petrolífero, minerador ou de qualquer natureza concorda que se faça uma nacionalização. E, portanto, sua reação, motivada pelo instinto de preservação de seus interesses, diante de um fenômeno revolucionário, é atacar a revolução.

Então, temos o mesmo fenômeno pelo qual passou a Revolução Francesa, pelo qual passou a Revolução Russa e pelo qual

passa a Revolução Chinesa. Ou seja, estamos passando por essa etapa de isolamento e bloqueio por parte da reação internacional.

Vocês vão à ONU: se se propõe qualquer coisa a favor de Cuba, propõe-se qualquer coisa contra Cuba; se o delegado cubano propõe algo, o delegado ianque propõe outra coisa. Quem vota a favor dos ianques? Todos os países colonialistas, todos aqueles que possuem colônias no mundo – e vocês já sabem o que é ter uma colônia, passada a primeira metade do século XX, nestes tempos contemporâneos, em que o homem está prestes a chegar à Lua –, pois há países que são donos de um território de outro continente e o governam de maneira colonial.

É claro que eles disfarçam sua forma de domínio colonial; assim como fizeram com a Emenda Platt. Eles procuram um grupo *criollo*,* representativo dos interesses econômicos de uma classe desses países, levam-nos para estudar em suas universidades, os adestram bem, os apoiam e, então, os tornam presidentes e chefes daquele país. Assim, nominalmente já não são colônias, mas são povos completamente dominados, em sua mentalidade e em seus interesses, pelos países colonialistas. Quando vão à ONU, votam a favor do país colonizador; ou seja, em alguns países a forma varia.

Vemos isso no próprio caso da África. Diante de um fato tão criminoso, tão humilhante para o continente africano, tão injusto como foi a intervenção no Congo, a destruição da Independência e o assassinato do líder daquele país, que, ao mesmo tempo, foi um dos homens mais notáveis da história da África,** no entanto, diante desse fato, que deveria ter despertado total solidariedade em todos os governos africanos, isso não ocorre: os governos realmen-

* Referência às classes dominantes nativas nos territórios de colonização espanhola. (N.T.)

** Referência ao golpe de Estado de 1960 no Congo orquestrado e apoiado pela CIA e pelos EUA meses após a conquista da Independência com relação à Bélgica. Patrice Lumumba foi o principal dirigente desse processo e tornou-se primeiro-ministro após a Independência; com o golpe ele foi preso e assassinado pelas forças da reação. (N.T.)

te independentes da África condenam o fato, mas uma série de repúblicas recém-instauradas pelo colonialismo inglês, francês..., esses países e outros países europeus, onde um grupo completamente adestrado pelo colonialismo dirige a política do país, em meio a enormes massas que não têm direito ao voto, não sabem ler nem escrever, não têm acesso, não digo às universidades, não têm acesso a nada, nem mesmo às aldeias. Assim, votam da maneira que convém aos interesses que perpetraram esse crime contra a república nascente, contra o país que quis ser verdadeiramente independente e contra o líder que restaurou a dignidade desse país.

É claro que esses são os grupos mentalmente colonizados e os países que ainda são colônias, embora figuram nominalmente como países independentes, porque a política dos imperialistas e dos colonialistas nas Nações Unidas, diante do fato de que a cada dia há um número maior de países neutros e independentes, é transformar grande parte desses territórios em pseudorrepúblicas, ou seja, países aos quais não se concede verdadeira liberdade, para ter mais votos nos Estados Unidos, para contrariar por meio de nações fictícias na ordem política, isto é, nações com uma independência realmente fictícia, e aumentar o número daqueles que votam ao lado deles, ao lado dos colonialistas e dos imperialistas.

Todos os governos ladrões, sem exceção, sempre votarão contra a Revolução Cubana. Se existe um governo ladrão no mundo, esse governo ladrão nunca votará a favor de Cuba. Todos os governos colonialistas e pró-imperialistas? Contra Cuba! Todos os governos onde dominam as pessoas de sangue azul e as pessoas de sangue de barata? Contra Cuba! Essa é uma lei infalível da forma como se manifestam internacionalmente todos esses governos que representam esses interesses.

Desse modo, a reação internacional... nós temos uma potencialidade aqui. Não sei se será uma virtude ou um defeito, mas, definitivamente, não faz diferença para nós, porque isso não vai alterar a situação. Temos a potencialidade – e eu dizia que não sei se é ou não um defeito, sorte ou azar – de estarmos completamente

cercados por oligarquias reacionárias, ou seja, as pessoas que dominam a política dos países com seu dinheiro e seus monopólios cercam nosso país e aplicam em relação a ele a mesma política que a reação internacional aplicou em relação à Revolução Francesa, à Revolução Russa e à Revolução Chinesa.

Mas nós estamos aqui, um pequeno país, isolado no meio deste continente, travando uma luta verdadeiramente heroica. Em suma, acreditamos que é uma sorte. Por que seria azar? Isso faz com que o povo compreenda melhor a gigantesca tarefa que tem pela frente, o mérito da nossa revolução, o heroísmo do nosso povo, a coragem do nosso povo, como, diante de todas essas circunstâncias hostis, ele enfrenta historicamente as consequências da revolução e se opõe a esse concerto, a essa conspiração internacional da reação, a esse bloqueio, a esses planos internacionalistas, a essas tentativas de esmagar a revolução.

E é claro que, quanto maior for a dificuldade da situação geográfica em que se encontra nosso país, tanto mais meritório será para nosso povo levar a revolução adiante com sucesso.

Hoje, o povo está aprendendo na própria pele as lições da história, está aprendendo na própria pele o que antes não pôde aprender – quando nosso país não significava nada no mundo, não era nada no mundo. Acredito que, pelo menos hoje, não há um único estudante de nenhuma faculdade estadunidense que não saiba que este país é completamente independente [aplausos prolongados].

E espero que, pelo menos nisso, os filhos dos grandes latifundiários e grandes industriais *criollos*, que se sentiam muito ofendidos pelo fato de os filhos dos milionários estadunidenses acreditarem que aqui era um *cayo* da Flórida, sintam-se muito orgulhosos agora por saber que este é um país! [Aplausos.] Que, pelo menos, saibam que nós existimos na geografia do mundo.

E essa também é a situação em relação ao resto da América e ao resto do mundo: que, em primeiro lugar, nosso país já é um país que atrai a atenção de muitos escritores, intelectuais, estudiosos das questões sociais, das questões revolucionárias e, enfim, que

nosso país seja centro de admiração e curiosidade por parte do resto do mundo: dos inimigos, pelo medo que as revoluções despertam; daqueles que são imparciais, que estudam honestamente essas questões, como um fenômeno social revolucionário que está ocorrendo na América; e dos amigos, simplesmente, como simpatizantes da nossa revolução. Mas o fato de que nosso país tem adquirido prestígio no mundo e tem sido um fator de peso nele, isso nem as agências de notícias, nem ninguém, conseguiu evitar.

Na zona de influência deles, onde doutrinam as pessoas diariamente, conseguiram doutrinar os interesses que se sentem intimidados pela Revolução Cubana; tentam influenciar as camadas mais humildes da população, com base na mentira, com base em coisas truculentas, com base em lendas, com base em relatos de caráter fantástico; enfim, tentam influenciar essas camadas com mentiras; mas, a longo prazo, é muito mais difícil penetrá-las e, por sua vez, é dessas camadas que surge o apoio à revolução.

Ora bem, de onde a revolução espera seu apoio, e onde reside seu apoio? Quem integra os comitês de solidariedade com a Revolução Cubana? Pois, muito ao contrário, não há nenhum magnata de nenhum monopólio ianque; mas o operário mais humilde muito provavelmente está nesse comitê de solidariedade. Não há nenhum latifundiário, mas o camponês mais humilde está. Não há nenhum milionário, mas os homens humildes do povo, sim. Não haverá nenhum intelectual daqueles vendidos à SIP, nem nenhum técnico daqueles vendidos aos monopólios; mas o profissional honrado, o estudante com inquietações sociais e revolucionárias, o patriota, o anti-imperialista, todos aqueles que, na América Latina, sofrem ao ver seu país nas mãos dos monopólios estadunidenses, o petróleo nas mãos dos monopólios estadunidenses, as minas nas mãos dos monopólios estadunidenses, o comércio nas mãos dos monopólios estadunidenses, os serviços públicos nas mãos dos monopólios estadunidenses.

Todos aqueles que sofrem, com sentimento sincero, ao ver seu país transformado em colônia ianque, são simpatizantes da

Revolução Cubana, eles compreendem o problema; assim, dessas massas, de todas as partes da América, da África, da Ásia, onde nunca alguém de sangue azul nem de sangue de barata estará com a revolução, estarão os homens de sangue vermelho, ou seja, os verdadeiros seres humanos [aplausos prolongados], ou seja, aqueles que têm sangue de ser humano; aqueles que sempre foram vítimas da exploração dos senhores feudais na Idade Média, da exploração dos monopólios e dos exploradores nas épocas moderna e contemporânea; os humilhados; o negro discriminado da África, explorado, colonizado, que antes era arrancado de suas terras, do seio de sua família, e trazido para trabalhar como animal, nas plantações de cana-de-açúcar, nas usinas.

Esse homem desse continente, sempre humilhado, sempre explorado, esse está com a revolução; o indígena latino-americano, o operário explorado, o camponês, esse sente a nossa causa. Simplesmente porque esta é a causa daqueles que aqui quiseram pôr fim à discriminação, pôr fim à exploração feudal da terra, à exploração dos monopólios, à exploração dos grandes capitais nacionais, que também foram se acumulando com base na exploração do povo e por todos os meios de endividamento possíveis; esses, aqueles em cujas veias corre sangue humano, esses estão com a revolução. Os humildes e os explorados de sempre, por mais que tentem semear a mentira, a confusão e a dúvida, porque essa é, naturalmente, a tarefa dessa outra gente que serve ao imperialismo.

Mas é daí que se alimentam os comitês de solidariedade, é daí que se alimentam as manifestações, é daí que se alimenta a opinião de apoio à Revolução Cubana.

E assim, diante do clero reacionário, diante dos monopólios, diante dos latifundiários, diante dos políticos oportunistas, diante das castas militares, diante das camarilhas de ladrões, diante dos corruptos, diante dos viciados, dos apostadores, dos gângsteres... Por exemplo: todos os apostadores do mundo inteiro são nossos inimigos; todos os contrabandistas do mundo são nossos inimigos; todos os gângsteres do mundo são nossos inimigos; todos os

traficantes de drogas do mundo são nossos inimigos; todos os vigaristas do mundo são nossos inimigos; todos os donos de refinarias de petróleo... [aplausos], os donos de monopólios, os donos de minas, os donos de poços de petróleo são nossos inimigos; todas as canetas mercenárias vendidas a esses interesses são nossas inimigas; todos os intelectuais mercenários vendidos a esses interesses são nossos inimigos.

Quem são os nossos amigos? Os intelectuais íntegros, os jornalistas íntegros. Há vários escritores estadunidenses que escreveram com honestidade e simpatia pela revolução. Ah, porque em todas as partes do mundo há escritores, jornalistas e políticos honrados, esses estão com a revolução! Aqui há pessoas que não podem ser compradas por nenhum dinheiro. Quem está contra nós? Todas as pessoas que podem ser compradas por algum dinheiro [aplausos].

[...]

Isso faz parte da educação. Por quê? Porque a educação mais importante é a educação política do povo. Hoje em dia, o povo tem todo tipo de livro nas ruas, livros aos quais nunca teve acesso, agora ele tem. Acho que por 20 centavos às vezes, 25 centavos outras vezes, porque há algo que existe em abundância na revolução, como não existe em nenhum país da América, como nunca existiu nem remotamente em nosso país, onde há escassez de algumas coisas, que são coisas de luxo, e em algumas coisas, é claro, também, que podem ser importantes, mas que não são vitais. No entanto, é preciso comparar o que, no âmbito da cultura, dos livros, a revolução significou. A abundância de livros, com que papel? Pois, com o papel que antes era destinado a uma série de jornais daqui que foram fechados, que fecharam a si mesmos, ou seja, que faliram... por quê? Isso é muito curioso. Eles se dedicavam a fazer propaganda, para quem? Todos os jornais que estavam aqui a serviço da reação recebiam milhares e milhares de pesos em folhas

de pagamento dos ministérios, e em dinheiro, em um cheque, em dinheiro vivo que mandavam aos diretores.

Mas, além disso, havia outro tipo de suborno. Era a publicidade, por meio da qual os grandes consórcios e os grandes monopólios pagavam essa imprensa. Como? Por exemplo, a companhia elétrica era um monopólio, não tinha nenhuma concorrência aqui, não precisava anunciar nada. Pois bem, ela tinha um orçamento: 1 milhão, 2 milhões, 3 milhões de anúncios. Esses anúncios eram distribuídos às diferentes revistas, aos diferentes jornais: "K-Listo Kilowatt, os serviços que prestou ao povo, como o K-Listo Kilowatt é bom, a empresa tão eficiente, que...". Eram anúncios assim, no valor de tantos milhares de pesos.

A companhia telefônica era outro monopólio. Quem já viu um monopólio se anunciando? A publicidade comercial obedecia, tradicionalmente, ao objetivo de vender pela concorrência com outros produtos, mas o monopólio investia 1, 2 ou 3 milhões para subsidiar a imprensa, que fazia campanha a favor desses interesses. E imaginem como um país pode ter uma ideia do quanto o monopólio é nocivo, da exploração que representa uma empresa monopolista, de como cobram caro pelos serviços públicos, das injustiças cometidas contra o povo, se em todas as revistas, em todas as estações de rádio e televisão há um panegírico dessa empresa e desse monopólio. Por quê? Porque gastam 2 ou 3 milhões de pesos todos os anos, e isso também acontece em todas as partes do mundo; é o expediente, a folha de figueira que usam para encobrir uma venda descarada a esses interesses.

[...]

Papel, maquinário, chumbo, dinheiro, energia humana, que não eram investidos em escrever coisas que ilustrassem e ensinassem o povo. Papel, chumbo, maquinário, dinheiro e energia humana que eram investidos em exaltar o supérfluo, em defender os monopólios, em enaltecer e apoiar políticos corruptos e ladrões, em manter a venda sobre os olhos do povo, em fomentar o jogo,

o vício, a mentira. Nisso se investia toda essa energia, que hoje é investida em livros. E aquelas gráficas de jornais que faliram, porque viviam disso, transformaram-se em gráficas para editar livros. O papel, o chumbo, o dinheiro, as máquinas e a energia humana foram dedicados à edição de milhões de livros. E somente no ano passado a empresa nacional editou milhões de livros, livros de todos os tipos: desde livros didáticos, livros de conteúdo político, cultural, literário, de todos os tipos.

Ou seja, o povo tem acesso a algo a que antes não tinha acesso: aos livros. Milhões de livros, e cada vez mais milhões de livros, onde antes se dedicavam a exaltar o vício e a mentira, e a servir interesses miseráveis.

Aquele operário que está trabalhando em uma gráfica sabe que está produzindo um livro que será lido pelo camponês em Baracoa, na Sierra Maestra, nas cooperativas, nas fazendas, nas fábricas; sabe que está escrevendo uma cartilha de alfabetização que ensinará a mais de 1 milhão de pessoas que não sabiam ler nem escrever, material escolar para essas crianças, para ampliar a cultura do povo. Hoje, o povo tem acesso a esses livros. Livros de caráter político para que o povo leia. Nós não dizemos ao povo: “Acredite!”. Nós dizemos: “Leia!”. Nós não dizemos: “Isso é um dogma...” [aplausos].

A reação não dizia ao povo: “Leia”, mas sim: “Acredite”. E, portanto, suprimia a oportunidade de ter livros; um livro valia dois, três, quatro pesos ou mais. Não levava livros nem fazia cartilhas de alfabetização para ensinar o camponês, o operário a ler, todas as pessoas que não sabem ler nem escrever, não. Dizia: “Acredite”. Não lhes dava acesso à cultura; nos jornais era tudo mentira.

E em todos os meios de divulgação, cinema, jornal, revista, tudo, a serviço daqueles interesses de que falávamos antes, para exaltar o vício, a parte ruim das pessoas, o espírito apostador, para defender os interesses inimigos da economia do povo. Era isso que ofereciam ao povo. E a revolução diz ao povo: aprenda a ler e a escrever; estude, leia, informe-se, medite, observe, pense.

Por quê? Porque esse é o caminho da verdade; fazer com que o povo raciocine, que o povo analise. Não que venha um senhor de um púlpito e lhe diga quatro mentiras que o povo tem que acreditar [aplausos].

E para isso estão sendo impressos milhões de livros, para que o povo se eduque, para que o povo compreenda os problemas internacionais, os problemas econômicos, os problemas políticos, para que o povo compreenda perfeitamente a diferença entre uma instituição e outro tipo de instituição; entre um latifúndio de cana-de-açúcar e uma cooperativa agrícola; entre um latifúndio para pecuária e uma fazenda do povo; entre um posseiro ou um meeiro, que paga 30% ou 40% de sua produção a um senhor que nunca esteve lá e que, na maioria dos casos, possui títulos muito duvidosos sobre essas terras, e que são sempre duvidosos do ponto de vista da justiça social, pois aquele tinha de pagar quase tudo ou tudo que lhe sobrava a um senhor que se dizia dono daquilo; a diferença entre um meeiro, um posseiro e um camponês que hoje é dono de tudo o que produz, que ninguém lhe tira e que, além disso, recebe incentivos para cultivar, recebe créditos para investimento, créditos para custeio.

Essas são as coisas que a revolução oferece a oportunidade de distinguir entre todas as coisas do passado e do presente em todos os âmbitos, em todos os âmbitos da vida, em todos os setores, em todos os aspectos, em qualquer sentido humano, social, político, econômico. Essa é a revolução que incomoda algumas pessoas, essa revolução que fustiga algumas pessoas, essa revolução que não consegue entrar na cabeça de algumas pessoas, essa revolução que causa trauma psíquico a algumas pessoas, incapazes de compreender o que ela realmente é, e que se deixam envolver pela névoa vaga da mentira, pela anestesia contrarrevolucionária, para ver como estão sendo levados para o curral do imperialismo, como estão sendo, pouco a pouco, colocados a serviço dos interesses dos colonialistas, dos escravistas, dos imperialistas, dos inimigos do homem, dos inimigos da cultura, dos inimigos da ciência,

dos inimigos do direito, dos inimigos, enfim, da humanidade, e dos inimigos de Deus [aplausos].

[...]

É isso que a revolução, como revolução e como grande professora, tem ensinado a todos nós. E, por ora, toda revolução é um extraordinário processo de educação. Por isso, revolução e educação são uma só coisa.

Agora, revolução e instrução; revolução e ensino; revolução e capacitação de técnicos; revolução e formação de profissionais, são outras das tarefas da revolução. A revolução tem trabalhado, em termos gerais, educando o povo; a revolução colocou todos os meios de divulgação ao alcance do povo, os livros ao alcance do povo. Mas há outro trabalho da revolução na educação. Eu estava tentando anotar rapidamente aqui algumas coisas, porque são tantas que depois a memória não consegue reter, mas para termos uma ideia... Vamos ver se consigo me lembrar, e deve haver algumas das quais não me lembre...

Em primeiro lugar, no que diz respeito à educação, e isso para concluir o programa, para aqueles que precisam se dedicar à educação no âmbito geral, tudo se resumia a uma situação em que não havia nenhum estímulo à cultura; nenhum esforço em prol da verdade, em prol da educação do povo, pois nem mesmo se começava por onde se deveria começar. É inquestionável que o mínimo que um ser humano deve saber é ler e escrever. Quando uma pessoa não sabe ler nem escrever, ela se encontra, na verdade, no degrau mais baixo em que um ser humano pode se situar. Em primeiro lugar, seus conhecimentos ficam extraordinariamente limitados; em segundo lugar, existe uma riqueza, uma grande riqueza, da qual toda a humanidade é herdeira. Não se trata de uma usina de açúcar nem de uma mina de ouro; não se trata de bens materiais, mas, na verdade, trata-se da riqueza mais valiosa do homem, porque é o que o homem criou com sua inteligência e com seu esforço. Exis-

te a riqueza cultural da humanidade; todos os homens de talento da humanidade, todos os gênios da humanidade produziram algo, escreveram, ensinaram. Existe uma gigantesca riqueza cultural, produzida pela humanidade, da qual toda a humanidade é herdeira. E o homem mais humilde, o homem mais pobre, o homem que carece de bens, possui a riqueza de todas as obras, de todos os livros e de todo o ensinamento que lhe foram legados por milhares e milhares dos homens mais proeminentes do gênero humano.

A partir do momento em que um homem não sabe ler nem escrever, ele é um homem que renunciou a essa herança, é um homem completamente desprovido dessa imensa riqueza espiritual que a humanidade produziu.

Nós, que por vezes já estivemos presos, em prisões onde não é possível se mover, onde não se pode realizar nenhuma outra atividade, tivemos a oportunidade de valorizar o que é essa riqueza criada pelo homem, quando um livro é o único companheiro, é o único amigo, aquele que nos faz esquecer essas horas de prisão; ele nos ensina, nos ilumina, nos faz reviver os tempos passados, nos faz reviver todas as épocas da humanidade. Assim, um prisioneiro trocaria todo o ouro do mundo por um livro na prisão. É quando ele percebe o que é essa riqueza, o que o ajuda, o que o estimula, o que lhe dá força para suportar as vicissitudes e as adversidades.

E tivemos muitas vezes essa oportunidade de saber o que vale um livro. Imaginem um homem nessas condições, que não soubesse ler nem escrever, pois então nem mesmo essa riqueza inestimável, essa riqueza que constitui um livro, poderia estar ao alcance de suas mãos. O homem que não sabe ler nem escrever está privado da maior riqueza da humanidade: aquilo que o homem criou com sua inteligência. Privado pela sociedade dessa riqueza, porque, afinal de contas, a culpa não é do cidadão que não sabe ler nem escrever. E nós já tivemos ocasiões, às vezes, de nos reunirmos com várias centenas de homens e dizer-lhes: "Levantem a mão aqueles que não sabem ler nem escrever. Você, por que não sabe ler nem escrever?", "Eu, porque onde eu morava não havia

escola nem professor”; “Você, por que não sabe ler nem escrever?”; “Eu, porque fiquei órfão de pai e, desde os seis anos, tive que ajudar minha mãe a trabalhar. Não pude ir à escola”, “Você, por que não sabe ler nem escrever?”; “Nós, porque éramos nove irmãos e tínhamos que trabalhar em casa, ou porque não tínhamos sapatos, ou porque não tínhamos roupa”. Ou também porque a família deles era negligente, ou seja, porque a família deles não se preocupava com a educação dos filhos, porque eles também não frequentaram a escola nem podiam apreciar o valor de estudar, na maioria dos casos por falta de professores. Essa é a primeira razão pela qual havia muitos analfabetos; em segundo lugar, por razões de natureza econômica, porque não tinham roupa nem sapatos para ir à escola, e qualquer um pode compreender perfeitamente que, com um salário como os que eram pagos no campo, uma família que tinha seis ou sete filhos não podia comprar roupa e sapatos.

Essas são as razões fundamentais: falta de professores, falta de recursos econômicos. Em suma, era um problema econômico e social, em nosso país – que não era um dos que se encontravam em pior situação na América –, por conta do qual mais de 1 milhão de pessoas não sabiam ler nem escrever. E grande parte delas são... É preciso distinguir entre o analfabeto e o semianalfabeto, aquele que mal sabe soletrar uma palavra.

Mas, assim que realizarmos a tarefa de ensinar todos a ler e a escrever, até o homem mais humilde do povo, já seremos merecedores de todos os tesouros que a inteligência humana vem acumulando em conhecimento e sabedoria. Até o homem mais humilde do povo terá acesso a todas as obras de arte da literatura, a partir do momento em que souber ler e escrever.

Parecia a coisa mais natural do mundo que mais de 1 milhão de pessoas fossem privadas dessa oportunidade. E era assim. Quando essa situação acabaria? Essa situação não acabaria nunca.

Agora temos que traçar outras metas, agora temos que traçar outras conquistas*

Companheiros brigadistas: vocês me pediram várias vezes para dizer quais novas tarefas temos para vocês [exclamações: “Sim!"]. Pois bem, temos tarefas, muitas tarefas para vocês [aplausos e exclamações: “Venceremos!"]. Bem, vou começar. Há muitas tarefas, há tarefas para todos e vamos ver se conseguimos realizá-las. Vou explicá-las com calma.

Primeiro: precisamos – prestem atenção para que cada um escolha –, precisamos de 2 mil formandos do sexto ano** [exclamações] – calma –, para o curso de iniciação aos estudos de magistério, que se desenvolverá durante um ano e depois, em Topes de Collantes,*** durante dois anos, e assim por diante. Precisamos de 2 mil formandos do sexto ano para esse curso de iniciação, que será

* Trechos de discurso proferido na concentração realizada na Praça da Revolução José Martí, para proclamar Cuba “Território Livre do Analfabetismo”, em 22 de dezembro de 1961, “Ano da Educação”. (N.E.)

** A formatura do sexto ano, em Cuba, encerra a educação primária. No Brasil é o equivalente ao atual Ensino Fundamental I. (N.T.)

*** Povoado localizado em um dos picos mais altos das montanhas de Escambray, na região central da ilha (N.T.)

ministrado em San Lorenzo e em Minas del Frío, sejam meninos ou meninas, sejam do campo ou da cidade. Precisamos de 2 mil que queiram ingressar nesse curso, para que depois continuem estudando para se tornarem professores e que tenham, no mínimo, concluído o sexto ano. Esta é uma tarefa [aplausos]. Vão escolhendo, pois há o que escolher.

Segundo: precisamos de 1.300 formandos da secundária básica* [aplausos], para a escola de professores do ensino primário de Topes de Collantes, que leva o nome de “Manuel Ascunce”** [aplausos]. Repito: 1.300 formandos da secundária básica para a escola de professores do ensino primário de Topes de Collantes, meninos ou meninas; o curso tem duração de dois anos, ao final dos quais será concedido aos alunos o título de professores do primeiro ciclo, que os habilita a lecionar em salas de aula de primeira à quarta série; dois anos adicionais transformarão os formandos em professores do segundo ciclo, capacitados a lecionar também em salas de aula de quinta e sexta séries, seja na cidade ou no campo.

Terceiro: precisamos de 5 mil alunos recém-formados do sexto ano para ingressarem nas escolas tecnológicas industriais [aplausos], sejam eles da cidade ou do campo.

E tem mais: precisamos – todos com bolsa de estudos – de 2.500 formandos da secundária básica para iniciar seus estudos nos institutos tecnológicos industriais [aplausos]. Ou seja, 5 mil formandos do sexto ano para as escolas tecnológicas industriais, o nível básico, e 2.500 formandos da secundária básica para iniciar seus estudos nos institutos tecnológicos industriais, sejam da cidade ou do campo. Está claro? [Exclamações: “Sim!.”] Bem, tudo isso, com preferência para os brigadistas [aplausos].

* Equivalente ao atual Ensino Fundamental II, no Brasil. (N.T.)

** Manuel Ascunce Domenech (1945-1961) foi um professor voluntário na campanha de alfabetização de 1961, que eliminou o analfabetismo em Cuba. Manuel foi assassinado por contrarrevolucionários enquanto alfabetizava camponeses nas montanhas de Escambray. (N.T.)

Precisamos de 2.300 formandos da oitava série para ingressarem como bolsistas também na escola Heróis de Girón para professores da língua russa [aplausos], sejam meninos ou meninas, da cidade ou do campo. Eles continuarão estudando, naturalmente, o *bachillerato*;* ou seja, o secundário e o pré-universitário, mas, ao mesmo tempo, receberão formação que os capacite como professores de língua russa; não estudarão apenas isso, continuarão cursando a secundária e o pré-universitário. Para isso, precisamos de 2.300 alunos do oitavo ano para ingressarem também como bolsistas, de preferência brigadistas [aplausos].

Precisamos de 200 formandos da secundária básica para estudar, como internos na escola de idiomas, outros idiomas que os capacitarão para desempenhar diversas funções: intérpretes, tradutores, em órgãos estatais; ou seja, 200 para diferentes idiomas na escola de idiomas; a outra escola é a de professores de língua russa e, além disso, continua com a secundária e depois o pré-universitário. Entenderam? Está claro? [Exclamações: “Sim!”]

Precisamos – para as meninas, há discriminação aqui contra os meninos – de 1.500 meninas brigadistas – têm que ser brigadistas –, 100% brigadistas; 1.500 para uma escola especial também de professoras que será desenvolvida na escola Heróis de Girón, na qual estudarão pela manhã o ensino primário, à tarde teoria política e econômica e à noite trabalharão lecionando nas escolas noturnas para empregadas domésticas.

Portanto, têm de ser meninas muito trabalhadoras e de grande qualidade, que estejam no primeiro ou no segundo ano da secundária básica. Entenderam? Escola de muita disciplina, escola de muito trabalho. Depois continuarão estudando, ensinando e estudando. E há um programa para essas escolas.

Reparem, é diferente, para que não haja confusão. São 2 mil do sexto ano... Vou esclarecer bem: 2 mil que tenham concluído

* *Bachillerato* inclui o chamado ensino pré-universitário, que equivale ao atual Ensino Médio no Brasil (N.T.)

o sexto ano para o curso de iniciação em San Lorenzo; 1.300 que tenham concluído a secundária básica para a escola de professores de Topes de Collantes. E essas 1.500 precisam ter mais do que o sexto ano, ou seja, precisam ter, no mínimo, aprovação no sétimo ou no oitavo ano; são as que vão para a escola Heróis de Girón estudar para serem professoras do ensino primário e, além disso, vão dar aulas, ou seja, vão trabalhar à noite. Isso ficou bem claro? [Exclamações: “Sim!”.] Anotem isso.

Precisamos, para os estudos de arte, ou seja, teatro, artes plásticas e alguns instrumentos musicais, precisamos de 1.500. Ou seja, mais ou menos, alunos da secundária básica que estejam cursando o primeiro, o segundo ou o terceiro ano; 1.500 para a Academia Nacional de Arte. Ou seja, é um curso longo, não de instrutores – deixem-me esclarecer –, mas eles vão estudar essas artes na Academia Nacional, que também começa a funcionar no início do ano.

Agora, para instrutores de arte, que é um curso de dois anos, para irem lecionar em cooperativas e fazendas, ou seja, canto, dança, teatro, precisamos de 1.500.

Entendam bem: 1.500 para a Academia Nacional de Arte vão estudar por muitos anos, e 1.500 para a escola de instrutores de arte, que é de dois anos. Ou seja, não vão estudar para se tornarem artistas, mas sim para se tornarem instrutores em um curso intensivo. Entenderam? [Exclamações: “Sim!”.] Bem, ainda não acabou!

Precisamos de 4 mil – em tudo isso que mencionei, exceto na formação de professoras para a escola Heróis de Girón, que vão dar aula para as empregadas domésticas, em todas as outras são meninos ou meninas; na escola Heróis de Girón para professoras, serão meninas –, então, precisamos de 4 mil alunos que tenham concluído a secundária básica, ou que estejam cursando o pré-universitário, para estudar o pré-universitário. Ou seja, com destino posterior à universidade, precisamos de 4 mil.

É claro que, neste caso, devemos dar preferência àqueles que já concluíram a secundária básica e vivem em uma cidade onde não há secundária básica. Entendem? [Exclamações: “Sim!”.] Pre-

ferência aos brigadistas que concluíram o ensino secundário e cuja cidade de residência não possui ensino secundário. Isso em primeiro lugar; porque é preciso dar oportunidades a outros jovens, mesmo que não sejam brigadistas, mas a preferência vai para os brigadistas que tenham concluído o ensino secundário básico – entenderam? –, em cuja cidade não haja ensino secundário básico, ou seja, não haja ensino pré-universitário. Preferência para esses. E, além disso, aos brigadistas que, mesmo que haja ensino pré-universitário onde estudam, tenham uma família extremamente pobre, compreendem?

Vamos supor um brigadista que tenha muitos irmãos, cuja família tenha uma renda escassa e que, mesmo que haja ensino pré-universitário na cidade onde ele mora, precise de uma bolsa de estudos. Entenderam? [Exclamações: “Sim!”.]

Preferência: para os muito pobres, para aqueles com menor renda, mesmo que haja ensino pré-universitário na cidade de onde são, ou em qualquer caso de um brigadista que não tenha pré-universitário na cidade onde mora. Entenderam? Esses têm preferência.

Ou seja, essas 4 mil bolsas são para brigadistas, repito, que, mesmo que morem em cidades onde há ensino pré-universitário, tenham uma situação econômica muito difícil; ou para brigadistas que moram em cidades onde não há ensino pré-universitário e, portanto, não poderiam estudar lá. Entendido? [Exclamações: “Sim!”.]

Ainda faltam 20 mil. Mas esses 20 mil, prestem bem atenção... Também é preciso dar-lhes preferência. Preferência: esses 20 mil são para jovens que tenham sido aprovados na sexta série, entenderam? E que queiram cursar o ensino secundário básico nas cidades, nos engenhos de açúcar ou nos vilarejos onde moram e onde não haja ensino secundário básico. Entenderam?

Ou seja, para os brigadistas, com preferência, que tenham sido aprovados na sexta série, queiram cursar o ensino secundário básico para depois fazer o pré-universitário e a universidade, ou para depois estudar em um instituto tecnológico, entendem? E, no entanto, apesar de terem concluído o sexto ano, moram no

campo, em um engenho de açúcar ou em um vilarejo onde não há ensino secundário básico; ou ainda estudantes brigadistas que, embora morem em um vilarejo onde há ensino secundário básico, sua família passa por dificuldades financeiras e, por isso, consideram que, para poder estudar, precisam de uma bolsa de estudos. Está claro isso?

Vou repetir. Preferência: para brigadistas que tenham concluído a sexta série e que, em sua vila, não haja ensino secundário básico, e ele queira cursar o ensino secundário básico para depois cursar o ensino pré-universitário e, posteriormente, uma graduação universitária; ou então cursar o ensino secundário básico para ingressar depois em um instituto tecnológico e, no entanto, não pode porque em sua cidade não há ensino secundário básico; ou então um brigadista que queira cursar o ensino secundário básico e na cidade onde mora haja ensino secundário básico, mas sua família, por ter muitos irmãos e baixa renda, esteja em situação difícil e ele considere que realmente precisa de uma bolsa de estudos para poder estudar. Entendido? [Exclamações: “Sim!”]

Depois de atendidos esses casos, essas bolsas servirão também para outros estudantes, mesmo que não sejam brigadistas, que morem em vilarejos onde não há ensino secundário básico, ou cuja situação familiar seja muito difícil. Mas a preferência é pelos brigadistas, o que totaliza 40.800 bolsas.

A isso temos que acrescentar as bolsas para os estudantes universitários, as bolsas para aqueles que já estão estudando na escola de instrutores de arte e em muitas outras escolas. Isso é o que está previsto neste plano em relação a vocês.

Isso significa que pelo menos de 20 a 30 mil brigadistas poderão estudar como bolsistas em todos esses centros e terão preferência na admissão. Em todos os outros casos, o direito é igual para todos, exceto nas 4 mil vagas do ensino pré-universitário e nas 20 mil do ensino secundário básico, nas quais será dada preferência àqueles que não têm ensino secundário em sua cidade ou àqueles que são muito pobres.

E nas 1.500 vagas para os Heróis de Girón, que devem ser destinadas a meninas. Em todos os demais casos, serão levados em conta simplesmente a inscrição, a condição de brigadista e o desejo de realizar esses estudos.

É claro que talvez sejam muitos milhares, mas, de qualquer forma, vocês devem levar em conta o seguinte: muitos de vocês também podem estudar nas escolas técnicas da própria cidade, entendem? Podem estudar nas escolas técnicas da cidade onde moram. Há outros que, devido à situação e à renda familiar, podem estudar no ensino secundário básico da cidade onde moram, ou no ensino pré-universitário, de modo que não precisam de bolsa de estudos para o ensino pré-universitário ou para o ensino secundário básico. Entenderam?

Nesses casos, vocês devem estudar no ensino secundário básico e no pré-universitário dos locais onde moram. Acho que tudo isso está claro.

E aqueles que não recebem bolsa, quais são suas tarefas? Ah! Também têm a tarefa de estudar.

É isso que queremos dizer a vocês que devem fazer. Já erradicamos o analfabetismo, muito bem: agora temos que seguir em frente! Em primeiro lugar, a campanha de acompanhamento que os professores e os trabalhadores da educação devem realizar. Mas a tarefa mais importante de vocês... Ah, vou dizer: precisamos que os 100 mil brigadistas se tornem técnicos, se formem nos institutos, se tornem professores de idiomas, se tornem engenheiros, se tornem médicos, se tornem economistas, se tornem arquitetos, se tornem pedagogos, se tornem técnicos especializados [aplausos]. Temos uma grande necessidade disso.

A revolução, depois de ter pedido o esforço que vocês fizeram na alfabetização, depois de ter pedido que levassem o ensino por vales e montanhas, agora pede que se tornem técnicos, que se tornem engenheiros, que se tornem economistas, que se tornem professores, que se tornem instrutores de arte, que se tornem artistas, que se tornem professores [aplausos].

Agora precisamos trabalhar com vocês, agora precisamos trabalhar com vocês, agora precisamos seguir em frente; mas seguir em frente intensamente, seguir em frente com toda a urgência. Agora precisamos traçar outras metas, agora precisamos traçar outras conquistas.

Por exemplo: é imprescindível que, até o ano de 1964, milhares e milhares de alunos do *bachillerato* ingressem em cursos técnicos; precisamos disso e devemos, portanto, propor-nos que, dos 20 mil bolsistas do ensino secundário básico, pelo menos 2 mil possam cursar dois anos do ensino secundário e do pré-universitário.

Pois bem, isso é possível. Com o entusiasmo de vocês, com a experiência que adquiriram, com a necessidade do país e com as coisas que se podem fazer em uma revolução, estamos certos de que um em cada quatro alunos – desses bolsistas – pode conseguir.

Portanto, no primeiro trimestre, vamos selecionar os 5 mil melhores alunos e trabalhar com eles em cursos intensivos para formar, pelo menos, 5 mil, de modo que possam ingressar na universidade em 1964. Nossa economia exige isso, a revolução exige isso. E depois de termos visto o que vocês fizeram este ano, acreditamos que vocês são capazes de realizar qualquer feito, qualquer tarefa, por mais difícil que seja [aplausos].

Agora vocês receberam alguns formulários, mas pode ser que alguns não os recebam, pode ser que se percam alguns formulários. E para que não haja a possibilidade de ninguém ficar sem poder viabilizar sua inscrição, todos vocês, aqueles que quiserem aderir a esses planos, aqueles que, além disso, tenham necessidade, porque pode haver muitos que queiram cursar o ensino secundário básico e podem fazê-lo em sua cidade, ou que podem cursar o ensino pré-universitário; todos os que desejarem aderir a esses planos e tiverem necessidade, enviem, assim que chegarem às suas cidades, um telegrama à Comissão Nacional de Alfabetização – além dos formulários preenchidos – solicitando o tipo de bolsa que desejam para determinado curso, informando o endereço, declarando sua condição de brigadistas e o local onde realizaram a

alfabetização. É só isso. Pode ser que em alguns lugares haja mais inscrições e, então, seja preciso selecionar, mas, de qualquer forma, todos aqueles que desejarem aderir a esses planos, para que ninguém fique de fora.

Amanhã, nos jornais, vocês poderão reler tudo o que foi dito, caso reste alguma dúvida, certo? E então, aqueles que desejam estudar para se tornarem professores de russo ou de outras línguas, ou professoras, ou professores, ou seja, professores de ensino primário, para irem a Minas de Frío, ou porque já concluíram o ensino secundário básico e querem ir para a escola Manuel Ascunce, ou porque estão na sétima ou oitava série e querem aderir ao plano de professoras do ensino primário, ou querem estudar arte, ou querem se formar como instrutores de arte, ou querem estudar em um instituto tecnológico, ou querem estudar em uma escola técnica, que o manifestem assim. E então, na Comissão, recebem todas as inscrições.

Sabem por quê? Porque o curso começa em janeiro. Quase todos esses cursos – talvez o da Academia Nacional de Arte demore um pouco, um mês –, mas todos os outros começam em janeiro. Portanto, assim que chegarem, aqueles que quiserem se inscrever nesses planos devem enviar seu telegrama. Vão protestar nos correios da cidade e tudo mais; talvez seja muito trabalho, mas enviem seu telegrama, porque é urgente selecionar e decidir.

Dessa forma, vamos simplificar os trâmites, e todos têm uma oportunidade, sem que ninguém fique de fora por se perder, se extraviar ou não ter recebido o formulário. Dessa forma, em muito pouco tempo, poderemos resolver todos esses problemas.

Peço a vocês que estudem cuidadosamente todas essas palavras, para que já decidam. Isso significa uma oportunidade extraordinária para todos, sobretudo para desenvolver a vocação de vocês, para que aqueles que não têm recursos para estudar possam estudar. Isso significa a oportunidade de que, com os cursos pré-universitários que foram abertos, as escolas secundárias que foram abertas, as escolas técnicas que foram abertas e as bolsas de

estudo concedidas, qualquer um de vocês, jovens companheiros, qualquer um de vocês que foi capaz de realizar tamanha proeza, qualquer um de vocês que foi capaz de levar a luz aos nossos campos, qualquer um de vocês que são jovens, que têm o mundo e o futuro em suas mãos, que têm uma vida fecunda e criativa, uma vida extraordinária pela frente, tenham esta oportunidade como um prêmio pelo trabalho que realizaram [aplausos], como um prêmio pelo amor à pátria, como um reconhecimento do povo pelo que fizeram, como fruto do trabalho que já realizaram, como um direito legítimo que conquistaram, como juventude que foi capaz de escrever uma das páginas mais belas da história da educação e da cultura [aplausos].

Avante, companheiros, rumo às novas metas, para cumprir as novas promessas, para cumprir as novas tarefas, para se tornarem professores, para se tornarem técnicos, para se tornarem médicos, para se tornarem engenheiros, para se tornarem intelectuais revolucionários! [Aplausos.]

Não pode haver valor estético sem conteúdo humano*

Acreditamos que este congresso trará um salto de qualidade inquestionável; acreditamos que este congresso contribuirá para colocar em primeiro plano a importância da educação; acreditamos que este congresso contribuirá decisivamente para que nosso povo tome consciência da importância fundamental deste problema.

Acredito que este congresso, que conseguiu *a priori* o apoio de todos e muito especialmente de nossas organizações de massas, terá assegurado esse apoio nos próximos anos no mais alto nível que já alcançamos.

Acredito que este congresso contribuirá para elevar extraordinariamente a dignidade dos educadores, que este congresso elevará diante da consciência de todo o povo o papel dos educadores como reconhecimento de seu trabalho e, além disso, como reconhecimento do seu sentido de dever.

* Trechos de discurso proferido na cerimônia de encerramento do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, realizado no teatro da Central de Trabalhadores de Cuba (CTC), em 30 de abril de 1971, “Ano da Produtividade”. (N.E.)

E por mais que o papel de educador mereça o reconhecimento de todo o povo, as palavras emanadas do congresso merecem um reconhecimento especial ao expressar que os próprios educadores contribuirão decisivamente nele, que os próprios educadores deverão alcançar o mais alto posto na estima de nosso povo por seu próprio esforço, por seu trabalho, pelo seu próprio espírito de superação.

No congresso foram apontadas as dificuldades em que ainda nos encontramos – as muitas dificuldades – na realização prática das tarefas da educação; problemas de diversas ordens, que vão desde problemas familiares, problemas dos serviços, problemas do transporte e, enfim, muitas dessas dificuldades de ordem material que obstaculizam o trabalho, o bom desempenho da atividade, muitas das quais infelizmente ainda levaremos anos para resolver. Mas que, no entanto, há entre elas muitas que podem ser resolvidas, que podem ser melhoradas na medida em que todo o povo, todas as organizações de massa e todos os órgãos se empenhem em ajudar ou em resolvê-las.

Essa tomada de consciência sobre a importância da educação por todo o povo sem dúvida nos ajudará a melhorar as condições de trabalho dos professores. Essa tomada de consciência faz com que, quando alguém em um carro – nos lugares onde não há nenhum outro veículo – encontra um professor esperando para ir ou para voltar da escola, imediatamente se lembre de que é um professor, que esse professor está formando novas gerações, que a cada hora que ele perder, cada minuto que perder, é o país que perde, e a pessoa pare ali, por mais pressa que tenha, para lhe dar uma ajuda.

Menciono esse exemplo como um dos muitos, dos milhares de exemplos em que a tomada de consciência, o espírito de cooperação, pode contribuir com o trabalho da educação.

Da mesma forma, os órgãos à frente dos serviços, e muito especialmente as organizações de massas, cujo apoio é tão fundamental e decisivo nas tarefas da educação...

Pois se há algo em que há unanimidade, é de que a educação, na qual os educadores têm um papel muito importante, é, no entanto, dever e tarefa de todos, obrigação de todos e esforço de todos [aplausos].

Da nossa parte, da direção do partido e do governo revolucionário, que sempre se preocupou com os problemas da educação, que sem qualquer sombra de dúvida concedeu a essa atividade recursos de todo tipo, a tal ponto que hoje trabalham no campo da educação, da cultura e da ciência – como expressou anteriormente aqui a companheira Olga – 160 mil trabalhadores, quase 100 mil professores e educadores de educação primária e secundária, sem contar as dezenas de milhares de jovens que estão se preparando para essa atividade.

Eles serão objeto – dizemos – do máximo interesse do partido e do governo revolucionário, porque para todos nós este congresso servirá também para que tenhamos uma informação mais pormenorizada, mais detalhada dos problemas, e para que além disso disponhamos desse magnífico material que foi elaborado para trabalhar no campo da educação.

Pois, embora tenham sido colocados à disposição da educação grandes recursos, ainda não víamos com suficiente clareza, ainda não tínhamos percebido com suficiente clareza como ainda restavam recursos potenciais para apoiar a atividade educacional; recursos que a revolução tem em suas mãos e que, embora tenham atuado nesse sentido, ainda podem contribuir muito mais para a educação.

Temos, é claro, as organizações de massa, totalmente identificadas com a tarefa dos educadores. Mas, além disso, temos outros recursos técnicos, temos esses meios de comunicação de massa, temos esses recursos que foram apontados.

Temos o Instituto do Livro, por exemplo. É verdade que foi feito um grande esforço de impressão. É verdade que os livros impressos triplicaram, quadruplicaram. É verdade que, inclusive, se quisermos atender 100% das necessidades, todas essas gráficas e

toda essa capacidade ainda são limitadas, mesmo incluindo a nova gráfica que nos foi cedida pelos amigos da República Democrática Alemã e que está prestes a entrar em produção.

Mas é preciso ter um critério preciso sobre as prioridades do nosso Instituto do Livro. E esse critério pode ser resumido com estas palavras: entre os livros impressos no Instituto do Livro, primeiro, os livros para a educação [aplausos]; segundo, os livros para a educação [aplausos]; e terceiro, os livros para a educação! [Aplausos.] Isso está mais do que claro.

Às vezes, certos livros foram impressos. O número não importa. Por uma questão de princípio, há alguns livros dos quais não se deve publicar nem um exemplar, nem um capítulo, nem uma página, nem uma letra! [Aplausos.]

É claro que temos de levar em conta o aprendizado, o nosso aprendizado. É claro que, ao longo desses anos, fomos conhecendo cada vez melhor o mundo e seus personagens. Alguns desses personagens foram retratados aqui com cores nítidas e vivas. Como aqueles que até tentaram se apresentar como simpatizantes da revolução, entre os quais havia cada espertalhão! [Risos.]

Mas já os conhecemos, e nossa experiência servirá para os outros, servirá para os países latino-americanos, servirá para os países asiáticos e para os países africanos.

Descobrimos essa outra forma sutil de colonização que muitas vezes subsiste e pretende subsistir ao imperialismo econômico, ao colonialismo. É o imperialismo cultural, o colonialismo político, mal que descobrimos amplamente. Ele teve aqui algumas manifestações, que nem vale a pena parar para falar sobre isso. Acreditamos que o congresso e seus acordos são mais do que suficientes para esmagar, como com uma catapulta, essas correntes.

[...]

Sobre esses instrumentos: quantos livros forem publicados aqui, quanto papel for impresso, quanto espaço útil dispusermos

em qualquer lugar, em todos os meios de divulgação, não digo que vamos usá-los 100% na educação. Infelizmente, não podemos. Mas não podemos não porque não estejam disponíveis, e sim porque não teríamos os materiais, o pessoal qualificado necessário para dedicar toda a televisão, inteiramente, à educação. Se a educação é atraente, a cultura faz parte da educação; as melhores obras culturais, as melhores criações artísticas do homem e da humanidade fazem parte da educação. Mas tudo o que puder ser usado, será usado. E deverá ser cada vez mais usado.

Aqui se falava da necessidade que temos de filmes infantis, de programas de televisão infantis, de literatura infantil. E não é só Cuba, praticamente o mundo carece disso. Mas como vamos ter programas infantis se surgem alguns escritores influenciados por essas tendências e, então, pretendem ganhar fama, não escrevendo algo útil para o país, mas a serviço das correntes ideológicas imperialistas? Como esses senhores, que em muitas ocasiões escrevem porcarias, têm recebido prêmios! Porque, independentemente do nível técnico de escrita, da imaginação, nós, como revolucionários, valorizamos as obras culturais em função dos valores que elas entranham no povo.

Nós, um povo revolucionário em um processo revolucionário, avaliamos as criações culturais e artísticas em função da utilidade para o povo, em função do que elas contribuem para o homem, em função do que contribuem para a reivindicação do homem, para a libertação do homem, para a felicidade do homem.

Nossa avaliação é política. Não pode haver valor estético sem conteúdo humano. Não pode haver valor estético contra o homem. Não pode haver valor estético contra a justiça, contra o bem-estar, contra a libertação, contra a felicidade do homem. Não pode haver!

Para um burguês, qualquer coisa pode ser um valor estético, desde que o entretenha, que o divirta, que o ajude a ocupar seus momentos de ócio e seu tédio de quem vive como vagabundo e parasita improdutivo [aplausos]. Mas essa não pode ser a avaliação

para um trabalhador, para um revolucionário, para um comunista. E não devemos ter medo algum de expressar essas ideias com toda a clareza. Se os revolucionários tivessem medo das ideias, onde diabos estariam? Teriam dez correntes no pescoço e 100 mil patas sobre os ombros – não digo pés –, patas de carrascos, de opressores e de imperialistas. Uma revolução é uma revolução e existe e se desenvolve por algum motivo. E os revolucionários existem por algum motivo. E as avaliações são assim e têm de ser assim, não pode haver outro tipo.

Pois estávamos dizendo que, claro, é lógico que nos faltem livros de literatura infantil. Há algumas minorias privilegiadas escrevendo sobre assuntos dos quais não se extrai nenhuma utilidade, expressões de decadência. Ah, mas em parte também porque aqui foram adotados certos critérios. Nos dias de hoje, quem é considerado intelectual? Há um grupinho que monopolizou o título de intelectuais e de trabalhadores intelectuais. Os cientistas, os professores, os educadores, os engenheiros, os técnicos, os pesquisadores, não, não são intelectuais. Vocês não trabalham com a inteligência. Segundo esse critério, os educadores não são intelectuais.

Mas também houve uma certa inibição por parte dos verdadeiros intelectuais, que deixaram os problemas da cultura nas mãos de um pequeno grupo de feiticeiros. Eles são como os feiticeiros das tribos nas épocas primitivas, em que tinham contato com deus, com o diabo também, e além disso curavam, conheciam as ervas que curavam, as receitas, as orações, os gestos que curavam.

E esse fenômeno ainda ocorre em meio ao nosso primitivismo. Um pequeno grupo de feiticeiros que são os que conhecem as artes e os truques da cultura e pretendem ser isso.

E por isso se propôs que nós, no campo da cultura, temos que promover amplamente a participação das massas e que a criação cultural seja obra das massas e prazer das massas. E que os melhores valores que a humanidade criou ao longo dos séculos, desde a

literatura antiga, as esculturas, as pinturas, assim como os princípios da ciência, da matemática, da geometria e da astronomia, possam ser patrimônio das massas, possam estar ao alcance das massas, possam ser compreendidos e apreciados pelas massas. E que as massas sejam criadoras.

Por acaso, não temos quase 100 mil professores e educadores? Não vimos, neste congresso, intervenções brilhantes, inteligências perspicazes e profundas, imaginação, caráter, tantas virtudes em abundância? Será que, entre quase 100 mil professores e educadores, para citar apenas um setor de nossos trabalhadores, não poderiam promover um formidável movimento cultural, um formidável movimento artístico, um formidável movimento literário? Por que não buscamos, por que não promovemos, para que surjam novos valores, para que possamos atender a essas necessidades, para que possamos ter literatura infantil, para que possamos ter muito mais programas de rádio e televisão educativos, culturais e infantis? É isso que devemos fazer, é esse o movimento de massas que devemos propor.

Há exemplo melhor do que o de hoje, nos espetáculos apresentados pelos alunos, jovens do ensino secundário e do pré-universitário? Alguns desses alunos representavam determinadas escolas, onde todos os alunos participam de algum Círculo de Interesse Científico, e onde todos os alunos participam de atividades culturais, e escrevem, escrevem poesia, obras literárias e peças de teatro, e encenam, e praticam todas as atividades culturais. Vimos isso esta noite.

Se podemos fazer isso em todas as escolas, e podemos fazê-lo – não assistimos a um grupo de crianças? –, podemos e devemos fazê-lo desde os círculos infantis, na escola primária, no ensino secundário, na fábrica. Quais preocupações as magias desses feiticeiros podem nos trazer? Quais preocupações, se sabemos que temos a possibilidade de tornar todo um povo criador, de tornar todo um povo intelectual, de torná-lo escritor, de torná-lo artista? Todo um povo! Se a revolução é isso, se o socialismo é isso, se o

comunismo é isso, porque reivindica os benefícios da ciência, da cultura, da arte para as massas, para toda a sociedade libertada da exploração [...]. Por que lutamos? Para que lutamos?

E não era exatamente isso que despertava o interesse de vocês, a paixão de vocês, neste congresso? Pensar no que poderiam levar para lá de cultura, de progresso, de melhoria, de bem-estar, de felicidade, para as crianças, os jovens e os trabalhadores a quem vocês ensinam?

E é isso que queremos para todo o povo. É isso que queremos para as futuras gerações. E está em nossas mãos. O que nos impede? O que pode nos impedir? Nada! Nenhuma barreira, nenhum obstáculo se impõe a não ser ainda nossas limitações materiais, nossa falta de qualificação, nossa falta de quadros. Isso é o único!

Aqui, todos os recursos disponíveis, todas as riquezas, todos os braços, todas as inteligências, todos os corações estão a serviço disso.

E essa será a nossa sociedade do futuro, representada aqui por esses jovens. Mas precisamos nos empenhar para envolver milhões de crianças e jovens nessas atividades, lutar e trabalhar pelo desenvolvimento econômico do país, pela base material que, com o desenvolvimento da ciência, da educação e do movimento de quadros e pessoal qualificado, nos permita alcançar esse objetivo.

Nada pode nos impedir! Essa é a maravilhosa vantagem de nossa pátria hoje. Não vivemos no capitalismo, não há burgueses saqueando os trabalhadores, não! Nossos recursos estão nas mãos do próprio povo.

E assim, enquanto a Europa capitalista decai, e decai cada vez mais, e não se sabe aonde vai parar em sua queda, como um navio que afunda... E com os navios, neste mar tempestuoso da história, também afundarão seus ratos intelectuais.

Quando digo ratos intelectuais, fique claro que não nos referimos, de modo algum, a todos os intelectuais. Não! Eles também são uma minoria! Mas digo os marinheiros, os ratos que pretendem transformar em algo transcendental seu papel miserável de

tripulantes de embarcações que afundam nos mares tempestuosos da história.

É assim. E é uma questão de anos, e talvez nem demore muito! É uma questão de tempo. Essas sociedades decadentes, podres e corroídas até a medula dos ossos por suas próprias contradições, não durarão muito tempo. E enquanto elas afundam, nós, com trabalho, com esforço, com dificuldades, sim, mas vamos para cima.

Uma revolução só pode ser filha da cultura e das ideias*

Há algumas semanas, em Santiago de Cuba, no dia 1º de janeiro de 1999, comemorando o 40º aniversário do triunfo da revolução, da mesma varanda, do mesmo prédio onde falei naquela ocasião, em 1º de janeiro de 1959, refleti com o público ali reunido que o povo de hoje não era o mesmo povo de então, porque dos 11 milhões de compatriotas que somos atualmente, 7.190.000 haviam nascido depois daquele dia. Que eram dois povos diferentes e, no entanto, ao mesmo tempo, o mesmo povo eterno de Cuba.

Lembrava-lhes igualmente que aqueles que então tinham 50 anos, em sua imensa maioria, já não estavam mais entre nós, e aqueles que eram crianças já tinham mais de 40 anos.

Vejam quantas mudanças, quantas diferenças, e que sentido particular tinha para nós pensar que ali estávamos diante do povo que iniciou uma revolução profunda quando era praticamente analfabeto, quando 30% dos adultos não sabiam ler nem escrever e quando talvez outros 50% não tivessem chegado à quinta série. Talvez menos; fizemos um cálculo de que, naquela época, com uma população de quase 7 milhões de habitantes, aqueles que haviam concluído a quinta série possivelmente não chegassem a mais de 250 mil, e hoje aqueles com diploma universitário somam 600 mil, e entre professores e educadores o número chega a quase 300 mil.

Eu dizia aos meus compatriotas, em homenagem ao povo que havia alcançado seu primeiro grande triunfo há 40 anos, apesar de

* Trechos de discurso proferido na aula magna da Universidade Central da Venezuela, Caracas, em 3 de fevereiro de 1999. (N.E.)

seu enorme atraso educacional, que havia sido capaz de realizar e defender uma extraordinária proeza revolucionária. Mais uma coisa: é possível que seu nível de cultura política fosse até mais baixo que o nível de escolaridade. Eram os tempos do anticomunismo feroz, dos últimos anos do macarthismo, em que, por todos os meios possíveis, aquele vizinho poderoso e imperialista tentara incutir em nosso nobre povo todas as mentiras e preconceitos possíveis, de tal forma que muitas vezes eu encontrava um cidadão comum e lhe fazia uma série de perguntas: se ele achava que devíamos fazer uma reforma agrária; se não seria justo que as famílias um dia fossem donas de suas moradias, pelas quais às vezes pagavam aos grandes proprietários até metade de seus salários; se não lhe parecia correto que todos aqueles bancos onde estava depositado o dinheiro dos cidadãos, em vez de serem propriedade de instituições privadas, fossem propriedade do povo para financiar o desenvolvimento do país com esses recursos; se aquelas grandes fábricas, em sua maioria estrangeiras e algumas também nacionais, fossem do povo e produzissem em benefício do povo; assim por diante, eu podia perguntar-lhe dez, 15 coisas semelhantes, e ele concordava plenamente: “Sim, seria excelente”.

Em essência, se todos aqueles grandes centros comerciais e todos os negócios lucrativos que enriqueciam apenas seus proprietários privilegiados fossem do povo e para enriquecer o povo, você concordaria? “Sim, sim”, respondia imediatamente. Ele concordava 100% com cada uma dessas propostas simples. E, de repente, eu perguntava então: “Você concordaria com o socialismo?” [aplausos]. Resposta: “Socialismo? Não, não, não, com o socialismo não”. Tais eram os preconceitos... Isso sem falar do comunismo, que era uma palavra muito mais assustadora.

Foram as leis revolucionárias que mais contribuíram para criar em nosso país uma consciência socialista, e foi esse mesmo povo, inicialmente analfabeto ou semianalfabeto, que teve que começar a ensinar muitos de seus filhos a ler e a escrever, que, por puros sentimentos de amor à liberdade e anseio de justiça, derrubou a

tiranía e levou a cabo e defendeu com heroísmo a mais profunda revolução social neste hemisfério.

Apenas dois anos após o triunfo, em 1961, conseguimos alfabetizar cerca de 1 milhão de pessoas, com o apoio de jovens estudantes que se tornaram educadores; eles foram para os campos, para as montanhas, para os lugares mais remotos, e lá ensinaram até mesmo pessoas de 80 anos a ler e a escrever. Depois, foram realizados os cursos de acompanhamento e foram tomadas as medidas necessárias, em um esforço incessante para alcançar o que temos hoje. Uma revolução só pode ser filha da cultura e das ideias.

Nenhum povo se torna revolucionário à força. Quem semeia ideias não precisa nunca reprimir o povo. As armas, nas mãos desse mesmo povo, servem para lutar contra aqueles que, do exterior, tentam arrebatá-lhe suas conquistas.

Perdoem-me por ter falado sobre este tema, pois não vim aqui para pregar sobre socialismo nem sobre comunismo – não quero que ninguém me interprete mal –, nem vim aqui para propor leis radicais ou coisas semelhantes; simplesmente refletia sobre a experiência vivida, que nos mostrou o quanto valiam as ideias, o quanto valia a fé no homem, o quanto valia a confiança nos povos, o que é extremamente importante numa época em que a humanidade enfrenta tempos tão complicados e difíceis.

É claro que, no dia 1º de janeiro deste ano, em Santiago de Cuba, foi justo reconhecer, de maneira muito especial, que aquela revolução que conseguiu resistir por 40 anos, que conseguiu cumprir esse aniversário sem baixar suas bandeiras, sem se render, era obra fundamentalmente daquele povo que estava ali, de jovens e de homens e mulheres maduros, que se educaram com a revolução e foram capazes de realizar a proeza, escrevendo páginas de nobre e merecida glória para nossa pátria e nossos irmãos da América.

Poderíamos dizer que graças ao esforço de três gerações de cubanos realizou-se essa espécie de milagre, diante da potência mais poderosa, do maior império que já existiu na história da hu-

manidade, de que o pequeno país passasse por uma prova tão dura e saísse vitorioso.

Tivemos um reconhecimento especial, ainda maior, por aqueles compatriotas que, nos últimos dez anos – ou, para sermos mais precisos, nos últimos oito anos –, foram capazes de resistir ao duplo bloqueio quando o campo socialista entrou em colapso, a URSS se desintegrou e aquele vizinho ficou como única superpotência em um mundo unipolar, sem rival nos planos político, econômico, militar, tecnológico e cultural. Não estou julgando a cultura, estou julgando o imenso poder com que pretendem impor a sua cultura ao resto do mundo [aplausos].

Não conseguiu vencer um povo unido, um povo armado de ideias justas, um povo dotado de grande consciência política, porque damos a maior importância para isso. Resistimos a tudo o que resistimos e estamos dispostos a resistir todo o tempo que for preciso resistir [aplausos], pelas sementes que foram plantadas ao longo daquelas décadas, pelas ideias e pelas consciências que se desenvolveram nesse tempo.

Essa foi nossa melhor e principal arma, e sempre será, mesmo na era nuclear. E já que mencionei isso, até tivemos experiências relacionadas a armas desse tipo, porque, em determinado momento, quem sabe quantas bombas e quantos mísseis nucleares estavam apontados contra nossa pequena ilha, na famosa Crise de Outubro de 1962.* Mesmo na era das armas inteligentes – apesar de que, de vez em quando, elas erram e atingem a 100 ou 200 quilômetros do alvo para o qual estavam direcionadas [risos] –, mas

* Crise militar internacional envolvendo Cuba, EUA e URSS. Em outubro de 1962, os EUA detectaram a presença de mísseis de defesa e ofensiva soviéticos em Cuba. Isso gerou um tensionamento entre as duas grandes potências e os EUA estavam decididos a bombardear e a invadir o território cubano, realizando o bloqueio naval da ilha. Apesar de a URSS ter tentado um acordo com os EUA dizendo que retirariam os mísseis de Cuba se eles retirassem os mísseis da Turquia, a direção da Revolução Cubana não cedeu e manteve os mísseis na ilha, exigindo que os EUA suspendessem imediatamente a espionagem, a tentativa de invasão e o bloqueio naval. (N.T.)

com um certo nível de precisão, a inteligência do homem sempre será superior a qualquer uma dessas armas sofisticadas [aplausos e gritos].

Torna-se uma questão de conceitos como devemos lutar, a doutrina de defesa do nosso país, que hoje se sente mais forte, porque tivemos que aperfeiçoar esses conceitos e chegamos à ideia de que, no final, um final para os invasores, a luta seria corpo a corpo, de homem para homem e de mulher para invasor, seja homem ou mulher [aplausos prolongados].

Foi necessário travar uma batalha ainda mais difícil e teremos de continuar a travá-la contra esse império poderosíssimo. Trata-se da luta ideológica que tem ocorrido incessantemente e que eles intensificaram com todos os seus recursos, muito mais após o colapso do campo socialista, quando decidimos, muito confiantes em nossas ideias, seguir em frente. Até mais: seguir sozinhos em frente. E, quando digo sozinhos, penso em entidades estatais, sem nunca esquecer o imenso e invencível apoio solidário dos povos que sempre nos acompanhou, e por isso nos sentimos ainda mais obrigados a lutar [aplausos].

Cumprimos honrosas missões internacionalistas. Mais de 500 mil de nossos compatriotas participaram de missões duras e difíceis dessa natureza, filhos daquele povo que não sabia ler nem escrever e alcançou um grau de consciência tão elevado a ponto de ser capaz de derramar suor e até mesmo seu próprio sangue por outros povos; em poucas palavras, por qualquer povo do mundo [aplausos].

A partir do início do período especial, dissemos: “Nosso primeiro dever internacionalista neste momento é defender esta trincheira”, a trincheira de que falou Martí, nas últimas palavras que escreveu na véspera de sua morte, quando disse que o objetivo fundamental de sua luta teve que ser feito em silêncio, porque Martí não era apenas muito martiano, mas era ainda mais bolivariano do que martiano [aplausos], e esse objetivo que traçou para si, segundo suas palavras textuais, era “impedir a tempo, com a

Independência de Cuba, que os Estados Unidos se espalhem pelas Antilhas e caiam, com essa força a mais, sobre nossas terras da América. Tudo o que fiz até hoje, e farei, é para isso” [aplausos].

Foi seu testamento político, quando confessou o anseio de sua vida: evitar a queda daquela primeira trincheira que tantas vezes os vizinhos do Norte quiseram ocupar e que ainda está e estará lá, com um povo disposto a lutar até a morte para impedir que essa trincheira da América caia [aplausos]; um povo que seria capaz de defender, inclusive, a última, porque quem defende a última trincheira e não permite que ninguém se apodere dela, a partir desse instante já começou a obter a vitória [aplausos].

Companheiras e companheiros – permitam-me chamá-los assim –, aqui, neste momento, somos isso, e creio que também aqui, neste momento, estamos defendendo uma trincheira [aplausos], e trincheiras de ideias – desculpem-me por recorrer mais uma vez a Martí, como ele disse – valem mais do que trincheiras de pedra [aplausos].

É preciso falar de ideias aqui, e volto ao que dizia, que muitas coisas aconteceram nestes 40 anos; mas o mais transcendental é que um mundo mudou. Este mundo de hoje – no qual me dirijo a vocês, que naquele dia ainda não haviam nascido e muitos estavam muito longe de nascer – não é em nada parecido com o daquela época.

Tentei procurar um jornal para ver se havia alguma notícia daquele ato na universidade. Felizmente, conservamos o discurso completo da Praça do Silêncio.* Com aquele fervor revolucionário com que descemos das montanhas, há apenas alguns dias, falávamos dos processos de libertação na América Latina, enfatizando a libertação do povo dominicano das garras de Trujillo.** Creio que

* Discurso realizado por Fidel Castro na Praça do Silêncio (Praça O’Leary), em Caracas, em 23 de janeiro de 1959, na comemoração de um ano do fim da ditadura de Marcos Pérez Jiménez, na Venezuela. (N.T.)

** Referência à ditadura na República Dominicana apoiada pelos EUA e comandada por Rafael Trujillo entre 1930 e 1961. (N.T.)

esse tema ocupou quase todo o tempo, ou uma parte do tempo daquele encontro, com um enorme entusiasmo de todos.

Hoje, aqui, não se poderia falar de um tema como esse. É que hoje não existe um povo a ser libertado, hoje não existe um povo a ser salvo; hoje existe um mundo, hoje existe uma humanidade a ser libertada e a ser salva [aplausos], e essa não é a nossa tarefa, é a tarefa de vocês [aplausos].

Naquela época não existia um mundo unipolar, uma superpotência hegemônica, única; hoje temos o mundo e a humanidade sob o domínio de uma enorme superpotência, e mesmo assim estamos convencidos de que venceremos a batalha [aplausos], não por um otimismo panglossiano* – creio que essa é uma palavra que os escritores às vezes usam [risos] –, mas porque se tem a certeza de que se eu soltar este caderno [mostra um caderno], em questão de segundos ele cairá; de que, se não existisse esta mesa, este caderno estaria no chão, e de que a mesa sobre a qual se assenta, objetivamente, essa poderosa superpotência que governa o mundo unipolar está desaparecendo [aplausos].

São razões objetivas, e estou certo de que a humanidade colocará toda a parte subjetiva indispensável. Para isso, não são necessárias armas nucleares nem grandes guerras; são necessárias as ideias [aplausos]. E digo isso em nome daquele pequeno país que mencionávamos antes, que tem sustentado a luta com firmeza, sem qualquer vacilação, durante 40 anos [aplausos].

Vocês diziam, invocando – para meu constrangimento – o nome pelo qual sou conhecido – refiro-me ao nome de Fidel, porque eu realmente não tenho outro título; compreendo que o protocolo obrigue a chamar de “Excelentíssimo Senhor Presidente, tal e tal coisa” [aplausos e gritos: “Fidel, Fidel!”] –, e quando os ouvi repetindo “Fidel, Fidel, o que Fidel tem que os americanos não podem com ele?” [gritos: “Fidel, Fidel, o que Fidel tem que

* Otimismo exagerado, referência ao personagem Pangloss da obra *Cândido, ou o otimismo*, do filósofo iluminista Voltaire. (N.T.)

os americanos não podem com ele?”], então pensei e me dirigi ao meu vizinho da direita, quero dizer, da direita geográfica, não é? [risos e gritos] – algumas pessoas estão fazendo sinais por aí que não entendo, mas eu disse que aqui estamos todos na mesma unidade de combate [aplausos] –, e me ocorreu dizer a ele: “Caramba! Na verdade, o que se deveria perguntar é: ‘O que os americanos têm que não podem com ele?’” [risos e aplausos]. E, se, em vez de “ele”, dissessem: “O que os americanos têm que não podem com Cuba?”, seria mais justo [aplausos]. Sei que é preciso usar palavras para simbolizar ideias. É assim que eu entendo as coisas, nunca me atribuo nem posso atribuir tais méritos [gritos: “Viva Fidel!”].

Sim, todos nós temos esperança de viver, todos! [Aplausos.] Nas ideias pelas quais lutamos e com a convicção de que aqueles que vêm depois de nós serão capazes de levá-las adiante; embora deva ser – não se pode esconder – mais difícil a tarefa de vocês do que a que nos coube.

Eu lhes dizia que estamos vivendo em um mundo muito diferente. É a primeira coisa que temos o dever de compreender; já expliquei certas características políticas. Além disso, trata-se de um mundo globalizado, realmente globalizado, um mundo dominado pela ideologia, pelas normas e pelos princípios da globalização neoliberal.

A globalização não é, em nossa opinião, um capricho de ninguém, não é nem mesmo uma invenção de alguém. A globalização é uma lei histórica, é uma consequência do desenvolvimento das forças produtivas – e desculpem-me por usar essa frase, que talvez ainda assuste alguns por causa de seu autor –, um produto do desenvolvimento da ciência e da técnica em tal grau que nem mesmo o autor da frase, Karl Marx [aplausos], que tinha grande confiança no talento humano, foi capaz de imaginar.

Há algumas outras coisas que me trazem à mente as ideias fundamentais daquele pensador entre os grandes pensadores. É que nos ocorre a ideia de que, inclusive, o que ele concebeu como ideal para a sociedade humana nunca poderia se tornar realidade.

de – e isso fica cada vez mais claro – se não fosse em um mundo globalizado. Nem por um segundo lhe passou pela cabeça que na minúscula ilha de Cuba – para citar um exemplo – pudesse ser tentada uma sociedade socialista, ou a construção do socialismo, muito menos ao lado de um vizinho capitalista tão poderoso.

Bem, sim, nós tentamos; mais do que isso, nós fizemos e conseguimos defendê-lo. E também passamos por 40 anos de bloqueio, ameaças, agressões, sofrimentos.

Hoje, como estamos sozinhos, toda a propaganda, os meios de comunicação de massa, que os Estados Unidos controlam no mundo, são direcionados por eles em sua guerra política e ideológica contra nosso processo revolucionário, da mesma forma que seu imenso poder em todos os campos, principalmente no campo econômico, e sua influência política internacional são empregados em sua guerra econômica contra Cuba.

[...]

Sempre me lembro de uma frase de Martí que foi a que mais ficou gravada na minha consciência: “Toda a glória do mundo cabe em um grão de milho”. Muitos dos grandes homens da história se preocuparam com a glória, e não há motivo para criticá-los. O conceito de tempo, o sentido da história, do futuro, da importância e da sobrevivência dos fatos de sua vida que o homem pode ter, e talvez seja isso o que eles entendiam por glória, é natural e explicável. Bolívar gostava de falar de glória e falava com muita veemência sobre ela, e não se pode criticá-lo, porque uma grande auréola sempre acompanhará seu nome.

O conceito martiano de glória, que compartilho inteiramente, é aquele que pode ser associado à vaidade pessoal e à autoexaltação. O papel do indivíduo em importantes acontecimentos históricos tem sido muito debatido e até mesmo admitido. O que me agrada especialmente na frase de Martí é a ideia da insignificância do homem em si, diante da enorme transcendência e importância

da humanidade e da magnitude inabarcável do universo, a realidade de que somos realmente como um minúsculo fragmento de poeira que flutua no espaço. Mas essa realidade não diminui nem um pouco a grandeza do homem; pelo contrário, a eleva quando, como no caso de Bolívar, ele carregava em sua mente todo um universo repleto de ideias justas e sentimentos nobres. É por isso que admiro tanto Bolívar. É por isso que considero sua obra tão grandiosa. Ele não pertence à linhagem dos conquistadores de territórios e nações, nem à dos fundadores de impérios que deram fama a outros; ele criou nações, libertou territórios e desfez impérios. Foi, além disso, um soldado brilhante, um pensador ilustre e um profeta. Hoje tentamos fazer o que ele quis fazer e ainda não foi feito: unir nossos povos para que amanhã, seguindo a mesma linha daquele pensamento unitário, o único que corresponde à nossa espécie e à nossa época, que os seres humanos possam conhecer um mundo unido, fraterno, justo e livre e possam viver nele, aquilo que ele quis fazer com os povos integrados por brancos, negros, indígenas e mestiços da nossa América.

Estamos aqui nesta terra pela qual nutrimos especial admiração, respeito e carinho. Quando vim há 40 anos, expressei isso com profunda gratidão, porque em nenhum lugar fui recebido melhor, com tanto afeto e entusiasmo. A única coisa que pode me envergonhar é que eu estava realmente no jardim de infância quando ocorreu o primeiro encontro nesta prestigiosa universidade [risos e aplausos].

[...]

De fato, os soviéticos tinham simpatia por Cuba e grande admiração pela nossa revolução; porque para eles, depois de tantos anos, ver um pequeno país, ali, ao lado dos Estados Unidos, se revoltar contra a poderosa superpotência lhes causava espanto, algo que jamais imaginariam e que jamais aconselhariam a ser feito, ainda bem que não pedimos conselho a ninguém [risos], embora

já tivéssemos lido quase toda a biblioteca de livros de Marx, Engels, Lenin e outros teóricos; éramos marxistas e socialistas convictos.

Com aquele entusiasmo e aquela paixão que costumamos ter nós, jovens, e muitas vezes até os mais velhos [aplausos], eu assumi os princípios básicos que aprendi naquela literatura e que me ajudaram a compreender a sociedade em que vivia, que até então era para mim um emaranhado intrincado que não tinha nenhuma explicação convincente. E devo dizer que o famoso *Manifesto comunista*, que Marx e Engels levaram tantos meses para redigir – vê-se que seu autor principal trabalhava conscientemente, frasse que costumava usar, e deve tê-lo revisado mais vezes do que Balzac revisava uma página de qualquer um de seus romances –, causou-me grande impressão, porque pela primeira vez na vida vi algumas verdades que nunca havia visto.

Antes disso, eu era uma espécie de comunista utópico. Estudando um livro enorme, impresso em folhas de mimeógrafo, com cerca de 900 páginas, o primeiro curso de Economia Política que nos ensinavam na Faculdade de Direito, uma Economia Política inspirada nas ideias do capitalismo, mas que mencionava e analisava sucintamente as diferentes escolas e critérios, e depois, no segundo curso, dedicando-me com muito interesse ao tema e refletindo a partir de pontos de vista racionais, fui tirando minhas próprias conclusões e acabei me tornando um comunista utópico. Eu chamo assim porque não se apoiava em nenhuma base científica e histórica, mas nas boas intenções daquele aluno recém-formado da escola dos jesuítas, aos quais sou muito grato porque me ensinaram algumas coisas que me ajudaram na vida, sobretudo a ter certa fortaleza, um certo senso de honra e determinados princípios éticos, que eles, jesuítas espanhóis – embora muito distantes das ideias políticas e sociais que eu tenha agora –, inculcavam em seus alunos.

Mas saí dali como esportista, explorador, alpinista e entrei politicamente analfabeto na Universidade de Havana, sem a sorte de ter um mentor revolucionário, que teria sido tão útil para mim naquela etapa da minha vida.

Por esses caminhos cheguei às minhas ideias, que conservo e mantenho com lealdade e fervor crescentes, talvez por ter um pouco mais de experiência e conhecimento, e talvez também por ter tido a oportunidade de meditar sobre problemas novos que nem sequer existiam na época de Marx.

Por exemplo, a palavra “meio ambiente” provavelmente nunca foi pronunciada por ninguém durante toda a vida de Karl Marx, exceto por Malthus, que disse que a população crescia geometricamente; que os alimentos não seriam suficientes para tanta gente, tornando-se assim uma espécie de precursor dos ecologistas, embora defendesse ideias em matéria econômica e salarial com as quais não se pode concordar [risos].

Por isso, uso a mesma camisa com que vim para esta universidade há 40 anos [aplausos], com a qual atacamos o quartel Moncada, com a qual desembarcamos no Granma [aplausos]. Ousaria dizer, apesar das tantas páginas de aventuras que qualquer um pode encontrar na minha vida revolucionária, que sempre tentei ser sábio, mas prudente; embora talvez tenha sido mais sábio do que prudente.

Na concepção e no desenvolvimento da Revolução Cubana, agimos como disse Martí ao falar do grande objetivo anti-imperialista de suas lutas, já prestes a morrer em combate, que “teve de ser em silêncio e de forma indireta, porque há coisas que, para serem alcançadas, devem permanecer ocultas; e, se fossem proclamadas como realmente são, levantariam dificuldades demasiado grandes para que se pudesse alcançar o objetivo”.

Fui discreto, não tanto quanto deveria, porque começava a explicar as ideias de Marx e a sociedade de classes a todas as pessoas com quem me encontrava, de modo que, no movimento de caráter popular, cujo lema na luta contra a corrupção era “Vergonha contra dinheiro”, ao qual eu havia me incorporado logo ao chegar à universidade, estavam me atribuindo a fama de comunista. Mas já nos últimos anos da minha graduação eu não era um comunista utópico, e sim, desta vez, um comunista atípico, que agia livre-

mente. Partia de uma análise realista da situação do nosso país. Era a época do macarthismo, do isolamento quase total do Partido Socialista Popular, nome que o partido marxista em Cuba ostentava, e havia, em contrapartida, no movimento ao qual eu me havia incorporado, já transformado no Partido do Povo Cubano, uma grande massa que, a meu ver, possuía instinto de classe, mas não consciência de classe: camponeses, trabalhadores, profissionais, pessoas de camadas médias, gente boa, honesta, potencialmente revolucionária. Seu fundador e líder, homem de grande carisma, havia tirado a própria vida de forma dramática meses antes do golpe de Estado de 1952.* Posteriormente, nosso movimento se alimentou das jovens fileiras daquele partido.

Eu militava naquela organização política, que estava realmente caindo, como acontecia com todas, nas mãos de gente rica, e sabia de cor tudo o que iria acontecer após a já inevitável vitória eleitoral; mas eu havia elaborado algumas ideias por conta própria – imaginem que um utópico pode pensar qualquer coisa – sobre o que era preciso fazer em Cuba e como fazê-lo, apesar dos Estados Unidos. Era preciso conduzir aquelas massas por um caminho revolucionário. Talvez tenha sido o mérito da tática que seguimos. Claro, andávamos com os livros de Marx, de Engels e de Lenin.

Quando ocorreu o assalto ao quartel Moncada, um livro de Lenin se perdeu, e no julgamento a primeira coisa que a propaganda do regime de Batista dizia era que se tratava de uma conspiração de “*priístas*” corruptos,** do governo recém-derrubado, com o dinheiro daquela gente, e, além disso, comunista. Não se sabe como se podiam conciliar as duas categorias.

* Referência a Eduardo Chibás (1907-1951), importante político cubano que se destacou na luta contra a ditadura de Gerardo Machado, entre 1925 e 1933, e um dos principais responsáveis pelas denúncias de corrupção contra o governo de Fulgencio Batista. (N.T.)

** *Priístas* se refere, neste caso, aos seguidores de Carlos Prío Socarrás, presidente que foi deposto por Fulgencio Batista no golpe de Estado de 10 de março de 1952. (N.T.)

No julgamento, assumi minha própria defesa. Não é que me considerasse um bom advogado, mas acreditava que quem melhor poderia me defender naquele momento era eu mesmo; vesti uma toga e ocupei meu lugar onde estavam os advogados. O julgamento era político, mais do que penal. Eu não pretendia sair absolvido, mas sim divulgar ideias. Comecei a interrogar todos aqueles criminosos que haviam assassinado dezenas e dezenas de companheiros e que agiam como testemunhas; o julgamento foi contra eles [aplausos]. De tal forma que, no dia seguinte, me tiraram de lá, me isolaram, me declararam doente [risos]. Foi a última coisa que fizeram, porque tinham muita vontade de acabar comigo de uma vez por todas; mas, enfim, eu sabia bem por que se contiveram. Eu sabia e sei qual era a psicologia de toda aquela gente, o estado de ânimo, a situação popular, a rejeição e a enorme indignação que seus assassinatos causaram, e também tive um pouco de sorte; mas o fato é que, nas primeiras horas, enquanto me interrogavam, apareceu o livro de Lenin. Alguém o tirou: “Vocês tinham um livro de Lenin”.

Nós explicando quem éramos: martianos, era a verdade, que não tínhamos nada a ver com aquele governo corrupto que haviam destituído do poder, que nos propúnhamos tais e tais objetivos. Isso sim. Não falamos nem uma palavra sobre marxismo-leninismo, nem tínhamos por que dizer nada. Dissemos o que tínhamos que dizer, mas como o livro veio à tona no julgamento, fiquei irritado de verdade naquele instante e disse: “Sim, esse livro de Lenin é nosso; nós lemos os livros de Lenin e de outros socialistas, e quem não os lê é um ignorante”, foi o que afirmei aos juízes e aos demais naquele local [aplausos].

Aquilo era insuportável. Não íamos dizer: “Olha, esse livrinho, alguém colocou lá”. Não, não [risos].

Depois, nosso programa foi exposto quando me defendi no julgamento. Quem não entendeu como pensávamos era porque não queria entender como pensávamos. Talvez se quisesse ignorar aquele discurso conhecido como “A História me absolverá”, com

o qual me defendi sozinho lá, porque, como expliquei, me expulsaram, me declararam doente, julgaram todos os outros, mas me enviaram a um hospital para me julgar, em uma salinha; não me internaram no hospital propriamente dito, mas em uma cela isolada da prisão. No hospital, havia aquela salinha minúscula transformada em audiência, com o tribunal e algumas poucas pessoas amontoadas, quase todas militares, onde me julgaram, e tive o prazer de poder dizer ali tudo o que pensava, na íntegra, de forma bastante desafiadora.

Eu me pergunto, dizia a eles, por que não deduziram qual era o nosso pensamento, pois lá estava tudo. Continha – pode-se dizer – os fundamentos de um programa socialista de governo, embora, convencido, é claro, de que aquele não era o momento de fazê-lo, que tudo teria suas etapas e seu tempo. Ali já falamos da reforma agrária, e falamos, inclusive, entre muitas outras coisas de caráter social e econômico, de que toda a mais-valia – sem mencionar essa palavra, é claro [risos] –, os lucros que todos aqueles senhores que tinham tanto dinheiro obtinham deviam ser direcionados ao desenvolvimento do país, e dei a entender que o governo tinha que assumir a responsabilidade por esse desenvolvimento e por esses excedentes de dinheiro.

Falei até do bezerro de ouro. Voltei a lembrar a Bíblia e apontei: “Aqueles que adoravam o bezerro de ouro”, em clara referência àqueles que esperavam tudo do capitalismo. Coisas suficientes para se deduzir como pensávamos.

Depois, refleti que é provável que muitos dos que poderiam ser afetados por uma verdadeira revolução não acreditassem em nós de jeito nenhum, porque, em 57 anos de neocolônia ianque, mais de um programa progressista ou revolucionário havia sido proclamado; as classes dominantes nunca acreditaram no nosso como algo possível ou consentido pelos Estados Unidos, nem lhes deram muita atenção, aceitaram-no, até achavam graça; no fim, todos os programas eram abandonados, as pessoas se corrompiam, e possivelmente eles disseram: “É muito bonito, muito simpático;

sim, as ilusões desses rapazes românticos, [mas] por que daríamos ouvidos a isso?”.

Eles sentiam antipatia por Batista, admiravam a luta frontal contra seu regime abusivo e corrupto, e possivelmente subestimaram o pensamento contido naquele discurso, no qual estavam as bases do que fizemos depois e do que pensamos hoje, com a diferença de que muitos anos de experiência enriqueceram ainda mais nossos conhecimentos e percepções em torno de todos esses temas. Portanto, esse é o meu pensamento, já o disse desde então.

Temos vivido a dura experiência de um longo período revolucionário, especialmente nos últimos dez anos, enfrentando, em circunstâncias muito difíceis, forças extremamente poderosas. Bem, vou dizer a verdade: conseguimos o que parecia impossível de se conseguir. Eu diria que quase foram milagres. É claro que as leis foram exatamente como haviam sido prometidas; surgiu furiosa a oposição, sempre soberba e arrogante, dos Estados Unidos, que tinha muita influência em nosso país, e o processo foi se radicalizando a cada golpe e agressão que recebíamos; assim começou a longa luta que perdura até hoje. As forças em nosso país se polarizaram, com a sorte de que a imensa maioria estava com a revolução, e uma minoria, que seria de 10% ou menos, estava contra ela, de modo que sempre houve um grande consenso e um grande apoio em todo aquele processo até hoje.